

UM ROMANCE DO



PREDADOR DA NOITE

# AMANTE DE SONHO

SHERRILYN  
KENYON

*Tradução de Eduardo Fernandes*



Edições  
**CHÁ DA CINCO**  
Uma chancela da Saúde de Emergência

*Como sempre, dedico esta obra à minha família maravilhosa, que me o seu apoio sem reservas.*

*A ti, Nancy Yost, que acreditaste numa ideia completamente diferente, por toda a confiança que depositaste em mim e pelo encorajamento que me deste.*

*A Jennifer Enderlin e Kim Carascia, por partilharem a minha visão, e por me permitirem explorar os territórios mais longínquos da minha imaginação.*

*Aos meus amigos, sempre presentes para partilharem a minha alegria e a minha tristeza: Ricky Mallory, Celeste Bradley, Cheryl Lewellyn, Valerie Walton, Diana Hillo-ck, Rebecca Baum e Kim Jones (obrigada pelas dicas psicológicas). E a Lisa Rich, a verdadeira Senhora da Lua.*

*E, acima de todos, a si, leitor, por quer passear comigo no lado selvagem da vida, onde tudo é possível, se tivermos um pouco de fé, imaginação e amor.*

*Um abraço para todos!*

## *Uma lenda grega ancestral*

**SENHOR** de uma força suprema e de uma coragem inigualável, ele era abençoado pelos deuses, temido pelos mortais e desejado por todas as mulheres que o avistavam.

Era um homem que não conhecia leis nem respeitava territórios. A sua destreza em combate e o intelecto superior rivalizavam com os de Aquiles, Ulisses e Hércules, e estava escrito que nem o poderoso Ares poderia alguma vez derrotá-lo.

E como se o dom do grandioso Deus da Guerra não bastasse, contava-se também que, no dia em que nasceu, a deusa Afrodite beijou-lhe o rosto, assim assinalando o seu lugar eterno na memória dos mortais.

Abençoado com o toque divino de Afrodite, tornou-se um homem tal, que nenhuma mulher se atrevia a negar-lhe o corpo. Pois não havia igual na Arte do Amor, e o seu vigor ousava muito mais do que o de qualquer mortal. De desejos ardentes e ferozes, jamais seria dominado.

Ou negado.

Com a sua pele e cabelo dourados, exibindo olhos de guerreiro, dizia-se que bastava a sua presença para satisfazer as mulheres que, a um toque da sua mão, sucumbiam, cegas de prazer.

Nenhuma poderia resistir ao seu encanto.

E, então, da inveja nasceu uma maldição eterna. Uma desventura que jamais será desfeita.

Como o pobre Tântalo, é sua sina buscar eternamente a satisfação e nunca a concretizar. Desejar o toque de quem o chama e proporcionar-lhe o mais completo e absoluto prazer e saciedade.

A cada lua cheia, ele deitar-se-á com ela, fará amor com ela, até ser novamente forçado a partir deste mundo.

Mas cuidado, pois a amante que sentir o seu toque tê-lo-á gravado na sua memória. Nenhum outro homem poderá jamais satisfazê-la. Porque nenhum mero mortal poderá comparar-se a um homem de tamanha beleza. De tamanho ardor. De tamanha intrépida sensualidade.

Eis o maldito.

*Julian da Macedónia.*

Aperta-o contra o peito e diz o seu nome três vezes quando soar a meia-noite, sob o fulgor da luz da lua cheia. Ele virá até ti e, até ao próximo ciclo lunar, o corpo dele será teu súbdito.

O seu único objectivo será agradar-te, servir-te.

*Saborear-te.*

Nos seus braços conhecerás o paraíso.

*Capítulo*

UM

— **MINHA** querida, tu precisas é de ir para a cama com alguém.

Grace Alexander estremeceu ao som da voz exageradamente estridente de Selena, no novo café em Nova Orleães, onde ambas terminavam uma refeição de arroz e feijão vermelho. Infelizmente para ela, a voz de Selena possuía uma adorável oitava a mais, que facilmente se faria ouvir durante um furacão.

Seguiu-se um vigoroso “chiu” que ecoou pelo espaço apinhado de gente.

Lançando um olhar furtivo pelas mesas mais próximas, Grace percebeu que os homens tinham parado de falar, para se voltarem na sua direção, olhando fixamente, com mais interesse do que ela gostaria.

*Caramba! Quando é que a Selena vai aprender a falar mais baixo?*

*Pior, o que vai ela lembrar-se de fazer a seguir? Despir-se e dançar em cima das mesas?*

Outra vez.

Pela milionésima vez desde que se conheceram, Grace desejou que Selena ficasse *realmente* envergonhada. Mas a sua amiga exuberante e, por vezes, extravagante não conhecia sequer o significado da palavra *envergonhada*.

Grace cobriu o rosto com as mãos e fez o melhor que pôde para ignorar a assistência. Sentiu-se consumida por uma súbita ansiedade de se esconder debaixo da mesa, seguida de um desejo ainda maior de dar um pontapé à amiga.

– E se falasses um pouco mais alto, Lanie? – sussurrou. – Acho que os rapazes no Canadá não te ouviram!

– Olhe que não sei... – disse o atraente e moreno empregado de mesa, quando parou na mesa delas. – Já devem estar a rumar a sul neste preciso momento. – O rosto de Grace foi acometido por um intenso calor, quando o empregado, claramente um jovem universitário, lhe lançou um sorriso diabólico. – Posso trazer-vos mais alguma coisa? – perguntou, olhando Grace de forma penetrante. – Ou, melhor ainda, posso *fazer* alguma coisa por *si*, minha senhora?

*E que tal um saco onde enfiar a cabeça, ou um bastão para espancar a Lanie?*

– Acho que é tudo – respondeu Grace, com as faces a arder. Desta vez, mataria mesmo Selena. – Basta a conta.

– Muito bem, então – disse, rasgando o talão do bloco e escrevinhando no cimo do papel. Pousou-o na mesa, diante de Grace. – Telefone-me se puder ajudá-la em mais alguma coisa.

Só depois de ele se ter afastado é que Grace reparou no nome e número de telefone na parte superior da conta.

Selena desatou a rir-se assim que viu o apontamento.

– Vais ver – ameaçou Grace, contendo um sorriso, enquanto somava a sua parte da refeição no seu *Palm Pilot*. – Desta vez vais mesmo pagá-las.

Selena ignorou a ameaça e procurou pelo dinheiro na sua bolsa decorada com contas.

– Pois, pois, se assim o dizes. No teu lugar, guardava o número. O rapaz é uma coisinha linda.

– Coisinha *jovem* – corrigiu Grace. – E acho que vou deixar passar. Só me faltava ser presa por contribuir para a delinquência de um menor.

Selena olhou para o empregado, que apoiava a anca contra o bar.

– Sim, mas ali o Sr. Brad Pitt era capaz de valer a pena. Não terá um irmão mais velho?

– Quanto estaria o Bill disposto a pagar para saber que a mulher dele passou a hora de almoço toda a piscar o olho a um rapaz?

Selena resmungou, pousando o dinheiro na mesa.

– Não estou a piscar o olho por mim. Estou a piscar o olho por ti. Afinal de contas, era da tua vida sexual que falávamos.

– Bem, a minha vida sexual anda bem e recomenda-se, e não diz respeito a ninguém neste restaurante.

Atirando o dinheiro para a mesa, Grace pegou no último cubo de queijo e dirigiu-se para a porta.

– Não fiques zangada – pediu Selena, seguindo-a em direcção à rua, para o meio da multidão de turistas e clientes, aos apertões na Jackson Square.

Um saxofone melancólico improvisava um jazz, sobrepondo-se a uma cacofonia de vozes, cavalos e motores de automóveis, e uma onda de calor típica do Louisiana assaltou Grace. Fazendo os possíveis para ignorar o ar de tal forma denso, que mal conseguia respirar, abriu caminho por entre a multidão e os quiosques de vendedores, alinhados pela vedação de ferro forjado que contornava a Jackson Square.

– Sabes bem que é verdade – continuou Selena, quando conseguiu apanhá-la. – Quer dizer, bolas, Grace, há quanto tempo? Dois anos?

– Quatro – respondeu, de modo indiferente. – Mas nem os conto.

– Quatro anos sem sexo? – repetiu Selena em voz alta, recusando-se a acreditar.

Vários transeuntes pararam para olhar, com curiosidade, para Selena e depois para Grace.

Ignorando, como de costume, o interesse que provocavam nos outros, Selena continuou a sua exposição, sem pausas.

– Não me digas que te esqueceste de que estamos na Idade da Electrónica! Agora a sério, os teus pacientes têm sequer a noção de há quanto tempo não tens sexo?

Grace engoliu o pedaço de queijo e lançou um olhar feroz a Selena. Quereria Selena que toda a gente – e todos os cavalos, já agora, – do Vieux Carré ouvissem?

– Fala baixo! – pediu, acrescentando secamente: – Não me parece que os meus pacientes tenham de saber se sou ou não uma virgem renascida. E quanto à Idade da Electrónica, não me apetece nada ser íntima com qualquer coisa que traga um aviso de utilização e pilhas.

Selena riu-se.

– Pois, bem, quem te ouvir falar, vai pensar que a maior parte dos homens *devia mesmo* vir com avisos. – Selena ergueu as mãos, simulando uma moldura. – *A vossa atenção, por favor, Alerta Perigoso. Eu, homenzarão, sou propenso a graves flutuações de humor, amuos prolongados e possuo a capacidade de falar com uma mulher sobre o seu peso, sem pré-aviso.*

Grace riu-se. Sabia que repetia aquela lengalenga sobre homens que precisam de avisos vezes sem conta.

– Ah, estou a ver, Doutora do Sexo – retribuiu Selena, imitando o sotaque da Doutora Ruth. – Ficas lá a ouvi-los a revelar pormenores íntimos da sua vida sexual, mas mais pareces um membro vitalício do Clube das Cuecas da Avozinha. – Já sem sotaque, Selena acrescentou: – Não posso crer que, depois de tudo o que ouviste nas tuas sessões, as tuas hormonas não deram sinal de vida.

Grace lançou um olhar trocista a Selena.

– Pois, bem, eu *sou* uma terapeuta sexual. Não me parece que aju-

dasse muito ter um orgasmo enquanto os ouvia desabafar sobre os seus problemas. A sério, Lanie, podia ser obrigada a deixar de exercer.

– Mas, realmente, não consigo compreender como consegues aconselhá-los quando nem sequer te aproximas de um homem.

Sorrindo, Grace avançou para o outro lado da praça, em frente ao Posto de Turismo, onde se situava o stand de tarot e leitura de mãos de Selena.

Quando Grace se aproximou da pequena mesa de cartas coberta por uma toalha roxa, suspirou.

– Sabes, eu até namorava, se encontrasse um homem por quem me desse ao trabalho de rapar as pernas. Mas a maior parte deles é tamanha perda de tempo, que prefiro ficar em casa e ver repetições da série *Hee Haw*.

Selena sorriu de forma irritada.

– Qual era o problema do Gerry?

– Tinha mau hálito.

– E o Jamie?

– Gostava demasiado de limpar o sótão... sobretudo ao jantar.

– O Tony?

Grace limitou-se a olhar para ela. Selena ergueu as mãos ao ar.

– Pronto, está bem, ele tinha um ligeiro problema com o jogo. Mas todos precisamos de um passatempo.

Grace arregalou os olhos.

– Hei! Madame Selena, já voltaste do almoço? – perguntou Sunshine, do stand ao lado, onde apregoava os seus desenhos e trabalhos em cerâmica.

Alguns anos mais jovem do que elas, Sunshine tinha cabelo longo e preto, e a sua indumentária fazia Grace pensar sempre em princesas.

Hoje, vestia uma saia branca transparente, que parecia obscena, se não fosse a malha justa cor-de-rosa que trazia por baixo e uma blusa bastante comprida.

– Sim, voltei – respondeu Selena, ajoelhando-se para destrancar as portas da sua carroça com rodas de metal, que ela prendia todos os dias ao portão em ferro forjado, com uma correia para bicicletas. – Alguém me procurou?

– Uns tipos levaram o teu cartão-de-visita e disseram que voltavam depois do almoço.

– Obrigada.

Selena colocou a bolsa dentro da carroça e depois tirou a caixa de charutos azul-escura onde costumava guardar o dinheiro, o baralho de tarot que embrulhava sempre num lenço preto de seda, e um fino, mas enorme livro com capa em couro castanho que Grace desconhecia. Selena co-



locou o seu chapéu de palha de aba larga, depois voltou-se e pôs-se de pé, novamente.

– Marcaste as peças todas? – perguntou a Sunshine.

– Sim – respondeu a jovem, pegando na carteira. – Mas continuo a achar que dá azar. Mas, pelo menos, está lá, se alguém quiser saber o preço das coisas quando aqui não estou.

Um motoqueiro de aspecto rude encostou a moto na curva.

– Ei, Sunshine! – gritou. – Mexe-me esse rabo! Tenho fome.

Sunshine acenou com a mão, de forma repreendedora.

– Aguenta os cavalos, Harry, e não te armes muito, que ainda almoças sozinho – rematou, caminhando lentamente na direcção dele, para depois montar a moto.

Grace abanou a cabeça para os dois. Sunshine precisava de arranjar namorado bem mais do que ela própria. Observou-os a passar pelo Café du Monde.

– Hum, um pastel *beignet* ia mesmo bem como sobremesa.

– A comida não substitui o sexo – admoestou Selena, colocando as cartas e o livro na mesa. – Não é isso que estás sempre a dizer. . .

– Está bem, já percebi aonde queres chegar. Mas, a sério, Lanie, porque estás tão interessada na minha vida sexual? Ou, melhor ainda, na falta dela?

Selena passou-lhe o livro.

– Porque tive uma ideia.

Ora aí estava algo que fazia Grace arrepiar-se, mesmo estando um calor infernal. E não se assustava com facilidade. Bem, a não ser que envolvesse Selena e uma das suas ideias mirabolantes.

– Outra?

– Esta é melhor.

Por dentro, Grace sentia-se encolher, e perguntava-se como seria a sua vida, se tivesse tido uma companheira de quarto normal, no seu primeiro ano em Tulane, em vez de Selena, aquela inconstante aspirante a cigana. Uma coisa era certa, não estaria a discutir a sua vida sexual no meio de uma rua apinhada de gente.

Naquele mesmo instante, Grace apercebeu-se dolorosamente das diferenças entre ambas. Grace estava mergulhada num calor húmido, vestindo um fino vestido de seda creme da *Ralph Lauren*, com o cabelo escuro num arranjo sofisticado, enquanto Selena usava uma saia comprida e plissada preta, com um top justo que mal tapava o farto peito. O cabelo de Selena, frisado, castanho e pela altura do ombro, estava preso por um lenço preto com padrão de leopardo, e usava uns enormes brincos em forma de lua, que tocavam os ombros. Já para não falar da autêntica mina de prata

que trazia enrolada nos pulsos, sob a forma de cerca de cento e cinquenta pulseiras. Pulseiras que chocalhavam sempre que ela se mexia.

A maior parte das pessoas comentava que eram parecidas, mas Grace sabia que Selena escondia uma mente astuta e muita insegurança sob aquela máscara exótica. Por dentro, as duas mulheres eram muito mais parecidas do que alguém poderia imaginar.

Excepto a crença bizarra de Selena no oculto.

E o apetite insaciável de Selena por sexo.

Aproximando-se de Grace, Selena empurrou o livro para as suas mãos hesitantes, e folheou-o. Grace fez os possíveis para não o deixar cair.

Ou revirar os olhos.

– No outro dia, encontrei isto naquela livraria velha ao lado do Museu de Cera. Estava coberto por uma montanha de poeira e eu andava à procura de um livro sobre psicometria, quando o descobri, e *voilà* – disse Selena, apontando triunfantemente para a página.

Grace olhou para a imagem e susteve a respiração. Nunca tinha visto tal coisa.

O homem na imagem era fascinante e o pormenor da figura absolutamente chocante. Se não fossem as marcas visíveis na página onde tinha sido impressa, seria capaz de jurar que se tratava de uma fotografia de uma estátua grega antiga.

Não, corrigiu-se Grace: um deus grego. Pois nenhum mortal poderia *já* ter aquele aspecto.

De pé, gloriosamente nu, o homem transpirava poder, autoridade e uma sexualidade crua, animaléscia. Embora a sua pose fosse bastante descontractada, lembrava um astuto predador pronto para iniciar a perseguição a qualquer momento.

As veias eram salientes num corpo perfeito, com a promessa de uma força pura e sólida, concebida unicamente para o prazer feminino.

De boca seca, Grace seguiu com o olhar o desenho dos músculos, dispostos em perfeita proporção com a sua altura e peso. Acompanhou os músculos tensos e elegantes, sobre a profunda marcação dos peitorais, descendo para a barriga lisa que implorava o toque de uma mulher.

Até ao umbigo.

E, depois, até ao...

Bem, ninguém se dera ao trabalho de tapá-lo com uma folha... E por que razão o fariam? Quem, no seu juízo perfeito, cobriria atributos masculinos tão *agradáveis*?

Aliás, quem precisaria de objectos a pilhas com uma *máquina* daquelas a andar pela casa?!

Grace molhou os lábios e voltou a fitar o rosto do homem.

Observando os traços belos e bem definidos que desenhavam um sorriso levemente diabólico, Grace imaginou um cenário varrido pela brisa e beijado pelo Sol, uns caracóis escuros enrolados num pescoço feito para ser beijado. Uns olhos azuis como o aço, de uma intensidade penetrante quando ele erguia uma lança de ferro sobre a cabeça e gritava.

Grace sentiu uma súbita agitação no ar espesso e quente que a rodeava, como se de alguma forma acariciasse a sua pele nua.

Quase conseguia escutar o timbre grave da voz dele, sentir os braços fortes tomarem-na e encostarem-na ao peito rijo como pedra, o fôlego dele a acariciar-lhe a orelha. Sentir as mãos, fortes e competentes, percorrerem-lhe o corpo, dando-lhe prazer enquanto buscavam os seus territórios mais secretos.

Um arrepio percorreu-lhe a espinha e o seu corpo vibrava em partes que ela nunca julgara possível. Sentia uma ânsia ousada e ditadora que nunca experimentara.

Pestanejando, Grace olhou para Selena para ver se esta tinha sido afectada da mesma forma. Se o tinha, não o dava a entender.

Grace devia estar a delirar. Só podia! As especiarias dos feijões tinham finalmente alterado o seu cérebro, deixando-o em papas.

– Que te parece? – perguntou Selena, finalmente retribuindo o olhar.

Grace encolheu os ombros, esforçando-se para controlar o lume brando em que o seu corpo ardia. O seu olhar ainda se detinha na forma perfeita daquele homem.

– Parece-se com um cliente que recebi ontem.

Bem, não era propriamente verdade. O homem que ela tinha visto era bastante atraente, mas em nada comparável ao homem da ilustração. Ela nunca tinha visto nada semelhante em toda a sua vida!

– A sério?

Os olhos de Selena ensombraram-se de uma forma que lhe deram a entender que estava prestes a ouvir o seu prolongado sermão sobre destino e encontros fortuitos.

– Sim – respondeu, interrompendo Selena, antes que começasse. – Disse-me que era uma lésbica encurralada no corpo de um homem.

O rosto de Selena congelou. Pegando no livro e fechando-o vigorosamente, Selena comentou:

– Conheces cada pessoa... – Grace franziu a sobrancelha. – Nem te atrevas a dizê-lo – adiantou Selena, sentando-se no seu lugar à mesa de cartas. Pousou o livro a seu lado. – Estou a dizer-te que *esta* é a solução para ti – acrescentou, dando dois toques com os dedos no meio do livro.

Grace olhou fixamente para a amiga, pensando em como Madame Selena, auto-proclamada Senhora da Lua, vestia bem o seu papel, ali senta-

da com as suas cartas de tarot à mesa roxa com o livro obscuro sob a mão. Naquele momento, quase conseguia acreditar que Selena era de facto uma mística cigana. Isto é, se acreditasse em tal coisa.

– Muito bem – disse Grace, cedendo. – Pára de empatar e diz-me o que esse livro e imagem têm a ver com a minha vida sexual.

O rosto de Selena ficou completamente sério.

– Esse homem que te mostrei... Julian... é um escravo de amor grego, completamente submisso e dedicado à pessoa que o invocar.

Grace riu-se a bom rir. Ela sabia que era indelicado, mas não conseguiu evitar. Como era possível que uma estudante com uma bolsa de Rhodes, com um doutoramento em História Antiga e Física, mesmo com as idiossincrasias de Selena, pudesse acreditar em algo tão ridículo?

– Não te rias! Estou a falar a sério.

– Eu sei... E a piada é essa. – Aclarando a voz, Grace acalmou-se. – Pronto. O que preciso de fazer? Despir-me e dançar nas margens do lago Pontchartrain à meia-noite? – Os cantos da sua boca subiram, mesmo diante do olhar ameaçador de Selena. – Tens razão, vou arranjar quem durma comigo. Mas não me parece que seja um fantástico escravo de amor grego...

O livro caiu da mesa.

Selena saltou com um grito e afastou a cadeira para trás. Grace assustou-se.

– Empurraste o livro com o cotovelo, não foi?

Com os olhos assustados, Selena abanou a cabeça lentamente.

– Não brinques, Lanie.

– Não fui eu – insistiu, com a expressão assustadoramente séria. – Acho que o ofendeste.

Abanando a cabeça perante tamanha tolice, Grace procurou os óculos de sol e as chaves na carteira. Era tal e qual aquela vez na faculdade, quando Lanie a tinha convencido a usar uma tábua de Ouija, anunciando que casaria com um deus grego antes de fazer 30 anos e teria seis filhos com ele.

Selena nunca admitira que tinha manipulado a tábua. E agora estava demasiado calor para discutir.

– Ouve. Tenho de voltar ao consultório. Tenho uma consulta às duas da tarde e não quero ficar presa no trânsito. – Colocou os *Ray-Ban*. – Sempre vais lá a casa logo à noite?

– Não faltaria por nada neste mundo. Eu levo o vinho.

– Está bem, então. Vemo-nos às oito. – Grace ainda ficou o suficiente para dizer: – Diz olá ao Bill por mim e agradece-lhe por te ter deixado ir ao meu aniversário.

Selena viu-a afastar-se e sorriu.

– Espera até veres o teu presente de aniversário – sussurrou, pegando no livro que caíra ao chão. Acariciou o couro suave e trabalhado, limpando as poeiras.

Voltando a abri-lo, Selena fitou a bela imagem e os olhos que, apesar de estarem desenhados a preto, de alguma forma pareciam coloridos de um profundo azul-cobalto.

Finalmente, o seu feitiço funcionaria. Estava certa disso.

– Vais gostar dela, Julian – sussurrou Selena, traçando com o toque os contornos do seu corpo perfeito. – Mas tenho de te avisar que ela tira a paciência a um santo. E derrubar as defesas dela será tão difícil quanto penetrar as muralhas de Tróia. Mas, ainda assim, acho que se há alguém que consegue ajudá-la a descobrir-se, esse alguém és tu.

Sob a mão, Selena sentiu o livro ficar mais quente e soube, instintivamente, que era a forma de ele concordar com ela. Grace achava que ela era louca por acreditar naquelas coisas, mas sendo a sétima filha da sétima filha e com o sangue de ciganos a correr nas veias, Selena sabia que há coisas na vida que desafiam qualquer teoria. Há energias obscuras que pairam e fluem discretamente, à espera de alguém que as canalize.

E esta noite haveria lua cheia.

Voltou a guardar o livro na segurança da sua carroça, trancando-o bem trancado. Ela sabia que o destino tinha colocado o livro nas suas mãos. Sentira-o a chamar por ela assim que se aproximou da prateleira onde estava arrumado. E porque era casada e feliz há já dois anos, Selena soube que o livro não era para ela. Ele estava apenas a usá-la para chegar aonde era preciso.

A Grace.

O seu sorriso abriu-se. Imagine-se ter um belo escravo de amor grego às nossas ordens por um mês...

Sim, seria, sem dúvida alguma, um aniversário de que Grace se lembraria para o resto da sua vida.

*Capítulo*

DOIS

**ALGUMAS** horas mais tarde, Grace suspirava, abrindo a porta da sua casa de dois andares e entrando para o hall. Atirou um maço de correio para cima da mesa de abas antiga disposta no fundo das escadas, antes de trancar a porta da entrada. De seguida, pousou as chaves ao lado do correio.

Descalçando os seus sapatos pretos de tacão alto, Grace sentiu o troar estridente do silêncio nos ouvidos e um nó a apertar-lhe o peito. Todas as noites, cumpria a mesma rotina indiferente. Chegava àquela casa vazia, pousava o correio na mesa, subia as escadas para mudar de roupa, comia alguma coisa, separava o correio, lia um livro, telefonava a Selena, via se tinha mensagens no gravador e depois deitava-se.

Selena tinha razão, a vida de Grace era uma tese curta e chata sobre a monotonia. E, aos 29 anos de idade, Grace estava farta. Caramba! Até o Jamie arranca-macacos começava a parecer uma boa opção.

Bem, talvez não o Jamie exactamente, e sobretudo não o nariz do Jamie, mas devia haver alguém por aí que não fosse um completo cretino.

Haveria?

Subindo as escadas, Grace decidiu que viver sozinha não era assim tão mau. Pelo menos, tinha tempo que chegasse para se dedicar aos seus passatempos. Ou para arranjar passatempos, pensou, percorrendo o corredor em direcção ao quarto. Um dia destes ia mesmo ter um passatempo.

Atravessou o quarto e deixou cair os sapatos ao lado da cama. Depois, mudou de roupa rapidamente.

Tinha acabado de apanhar o cabelo num rabo-de-cavalo quando a campainha soou. Foi até à porta e deixou Selena entrar. Assim que a porta se abriu, Selena atacou:

– Não vais vestir isso, pois não?

Grace olhou para os buracos das calças de ganga e a sua *t-shirt* gigantesca.

– Desde quando te preocupas com o meu aspecto?

Então ela viu-o, dentro do grande cesto de verga que Selena usava para transportar as compras.

– Oh... Outra vez esse livro...

Com um ar um pouco afectado, Selena comentou:

– Sabes qual é o teu problema, Gracie?

Grace olhou para o tecto, buscando a intervenção divina. Infelizmente, não obteve resposta,

– O quê? Não andar a uivar à lua e atirar o meu corpo sardento e gordo a todo o homem que aparece?

– Não sabes que és uma querida.

Enquanto Grace recuperava daquele comentário tão pouco natural de Selena, esta pegou no livro e levou-o para a sala de estar, pousando-o na mesa de café. Em seguida, Selena tirou o vinho do cesto e dirigiu-se para a cozinha.

Grace não se deu ao trabalho de segui-la. Tinha encomendado uma piza antes de sair do emprego e sabia que Selena apenas tinha ido buscar dois copos.

Como se puxada por uma mão invisível, Grace sentiu-se atraída para a mesa de café e o livro. Intuitivamente, tocou-lhe e, ao acariciar o couro suave, podia jurar que algo lhe afagava o rosto.

*Era ridículo. Tu não acreditavas nestas coisas.*

Grace passou a mão pela pele macia e perfeita, reparando que não tinha letras nem título. Abriu o livro. Era o exemplar mais estranho que alguma vez vira.

As páginas pareciam ter feito parte de um rolo de pergaminho, ou algo semelhante, depois convertido para livro. O pergaminho desbotado enrugou-se sob os seus dedos, ao voltar a primeira página, onde encontrou um emblema elaborado com arabescos que representavam três triângulos entrecruzados e uma imagem sedutora de três mulheres unidas por espadas. Grace franziu o sobrolho. Reconheceu-o vagamente como uma espécie de símbolo grego antigo.

Ainda mais intrigada, folheou algumas páginas do livro, apenas para descobrir que estavam todas vazias, excepto as três iniciais...

Que estranho.

Devia ser um bloco de desenhos de um artista ou escultor, concluiu. Era a única explicação para ter tantas páginas em branco. Devia ter sucedido alguma coisa ao artista para não ter podido fazer mais no livro.

Mas isso não explicava o motivo por que as páginas pareciam muito mais antigas do que a encadernação...

Voltando ao desenho do homem, Grace estudou a escrita na página seguinte, mas não conseguiu decifrá-la. Ao contrário de Selena, sempre evitava as aulas de línguas na faculdade, como se fossem veneno. E se não fosse a amiga, nunca teria concluído algumas dessas cadeiras.

– Para mim, isto é chinês – sussurrou, voltando de seguida o olhar para o homem.

Era extraordinário. Tão perfeito e atraente.

Tão incrivelmente sensual.

Completamente cativada por ele, Grace imaginou o tempo que demoraria a desenhar algo tão perfeito. Alguém deveria ter investido vários anos na execução, porque parecia que aquele homem estava prestes a saltar da página para a sua casa, a qualquer momento.

Selena parou na entrada da cozinha, observando Grace absorvida pela imagem de Julian. Conhecia-a há anos e nunca a vira tão cativada.

Ainda bem.

Talvez Julian pudesse ajudá-la.

Quatro anos eram realmente muito tempo.

Mas Paul tinha sido um porco egoísta e imprudente. A sua insensibilidade para com os sentimentos de Grace tinham-na feito chorar na noite em que lhe tirara a virgindade. E nenhuma mulher merecia chorar. Sobre tudo quando estava com alguém que dizia que a amava.

Julian seria bom para Grace, sem dúvida. Um mês com ele e Grace esquecer-se-ia de Paul. E, depois de Grace experimentar o sexo verdadeiro e mútuo, ficaria livre da crueldade de Paul para sempre.

Mas, primeiro, Selena tinha de convencer a sua amiga teimosa a ceder um pouco.

– Encomendaste a piza? – perguntou Selena, servindo-lhe um copo de vinho.

Grace aceitou-o, distraidamente. Por qualquer razão inexplicável, não conseguia tirar os olhos da imagem.

– Gracie?

Pestanejando, Grace fez um esforço para olhar para cima.

– Hum?

– Apanhei-te a olhar – troçou Selena.

Grace aclarou a voz.

– Oh, por favor. É só um pequeno desenho a preto e branco.



– Querida, esse desenho não tem nada de *pequeno*.

– És mazinha, Selena.

– É verdade. Mais vinho?

De repente, a campainha soou.

– Eu abro – disse Selena, pousando o vinho na mesa e dirigindo-se para a entrada.

Alguns minutos depois, Selena regressou à sala. Grace deixou que o fantástico aroma da enorme piza de *pepperoni* seduzisse os seus pensamentos para longe do livro. E o homem que parecia ter gravado a fogo a sua imagem no subconsciente dela. Mas não era fácil. Na verdade, parecia mais difícil, a cada minuto que passava.

Mas que raio se passava com ela? Era a Rainha do Gelo. Nem mesmo Brad Pitt ou o Brendan Fraser a entusiasmavam. E eles existiam, com todas as cores.

Que feitiço teria aquele desenho? *Ou ele?*

Grace deu uma dentada cuidadosa na piza e, em jeito de provocação, transferiu-se para um cadeirão de braços, do outro lado da divisão. Pronto. Conseguira mostrar ao livro e a Selena que quem mandava era *ela*.

Depois de quatro fatias de piza, dois queques, quatro copos de vinho e um filme, Grace e Selena estavam deitadas no chão coberto com as almofadas do sofá, a rir-se do filme *Sixteen Candles*.

– *Dizes que fazes anos* – começou Selena a cantar, batendo no chão como se num tambor. – *Também faço anos*.

Grace acertou-lhe na cabeça com uma almofada e depois riu-se, já tonta com o vinho.

– Gracie? – chamou Selena, com a voz divertida. – Estás bêbeda?

Grace riu-se novamente.

– Talvez ligeiramente tocada. Confortavelmente tocada.

Selena riu-se de Grace e tirou a fita que trazia no cabelo.

– Então, podemos experimentar uma coisinha?

– Não! – respondeu Grace com convicção, prendendo o cabelo solto por trás das orelhas. – Não quero jogar ao Ouija nem ao pêndulo, e juro que se vejo uma carta de tarot ou uma runa, vomito-te os queques todos em cima.

Mordendo o lábio inferior, Selena alcançou o livro pousado em cima da mesa e abriu-o. Faltavam cinco minutos para a meia-noite. Mostrou a imagem a Grace e apontou para as suas incríveis formas.

– Então, e ele?

Grace olhou e respondeu:

– É mesmo delicioso, não é?

Bem, era sem dúvida um avanço. Selena não conseguia lembrar-se

da última vez que Grace tinha comentado o aspecto de um homem de forma elogiosa. Abanou o livro diante de Grace, delicadamente.

– Vamos lá, Gracie. Admite. Tu queres este borracho.

– Se eu te disser que não o expulsava da cama por comer bolachas, ficas contente?

– Talvez. E que mais o deixavas comer?

Grace rebolou os olhos e deitou a cabeça na almofada.

– Ranhocas?

– Agora quem vai vomitar sou eu...

– Vê o filme.

– Só se disseres este canticozinho pequenino.

Grace levantou a cabeça e suspirou. Sabia que não valia a pena discutir com Selena quando fazia *aquela* expressão. E mesmo que um meteorito partisse a casa a meio, jamais Selena se deixaria demover. E, afinal, que mal ia fazer? Já tinha aprendido, há muitos anos, que os cânticos e feitiços tolos de Selena nunca davam em nada.

– Está bem. Se isso te faz feliz, eu faço-o.

– Iupi! – gritou Selena, puxando-a pelo braço e obrigando-a a pôr-se de pé. – Precisamos de ir para a varanda.

– Está bem, mas não vou andar por aí a arrancar cabeças de galinhas ou a beber coisas nojentas.

Sentindo-se como uma menina numa festa de pijama que tinha acabado de perder um concurso de “verdade ou consequência”, Grace deixou que Selena a empurrasse para o exterior, através da porta de correr em vidro. O ar húmido inundou-lhe os pulmões. Os grilos cantavam e milhares de estrelas cintilavam no céu. Ocorreu a Grace que estava uma bela noite para invocar um escravo de amor. Tal pensamento fê-la rir-se.

– O que queres que faça? – perguntou a Selena. – Que reze a um planeta?

Abanando a cabeça, Selena empurrou-a para o círculo de luz que a lua projectava nas goteiras do telhado. Selena passou-lhe o livro aberto.

– Encosta-o ao peito.

– Oh, sim – disse Grace, imitando um gemido de desejo, abraçando o livro como a um amante. – Fazes-me sentir tão lasciva e excitada. Mal posso esperar por cravar os dentes nesse teu corpo maravilhoso.

Selena riu-se.

– Pára com isso. Isto é muito sério!

– Sério? Por favor. Estou aqui fora, no meu vigésimo-nono aniversário, descalça e com umas calças de ganga que a minha mãe queimaria numa fogueira, agarrada a um livro estúpido, a tentar invocar um escravo de amor

grego do além. – Olhou para Selena. – Só me ocorre uma maneira de tornar isto ainda mais ridículo...

Grace segurou o livro com uma mão apenas, abriu os braços bem abertos, inclinou a cabeça para trás e implorou ao céu escuro:

– Oh, possui-me, grande e belo escravo de amor, e faz o que quiseres de mim. Ordeno-te que te *levantes* – proclamou Grace, com um movimento trocista de sobrancelhas.

Selena resmungou:

– Não é assim que se faz. Tens de dizer o nome dele três vezes.

Grace endireitou-se e disse:

– Escravo de amor, escravo de amor, escravo de amor.

Com as mãos nas ancas, Selena arregalou os olhos e corrigiu:

– Julian da Macedónia.

– Oh, desculpa. – Grace encostou o livro ao peito e fechou os olhos. – Vem saciar-me o ventre desejoso, ó grandioso Julian da Macedónia, Julian da Macedónia, Julian da Macedónia. – Olhou para Selena. – Sabes, é difícil dizer três vezes depressa.

Mas Selena não estava a prestar a mínima atenção ao que Grace dizia. Estava, sim, preocupada em perscrutar as redondezas por um sinal do fantástico deus.

Grace voltou a revirar os olhos, quando sentiu uma brisa subtil varrer o jardim e um suave aroma a sândalo rodeá-las. Demorou-se a saborear a agradável fragrância antes que se evaporasse, e a brisa deu lugar ao ar quente e denso tão comum numa noite de Agosto.

De repente, escutou-se um som ténue no jardim. Um pequeno susurro de folhas vindo dos arbustos. Grace franziu o sobrolho e olhou na direcção da folhagem, que agora se abanava.

Então, a criança dentro de si ganhou vida.

– Oh, meu Deus – pronunciou suavemente, apontando para um dos arbustos nas traseiras. – Selena, olha para ali!

Selena olhou de imediato, reagindo ao tom excitado da amiga. Um arbusto alto agitou-se, como se alguém se escondesse atrás dele.

– Julian? – chamou Selena.

Selena aproximou-se.

O arbusto vergou. Subitamente, soaram um sibilo e um miado, imediatamente antes de dois gatos saírem a voar do jardim.

– Olha, Lanie. O Tareco veio resgatar-me de uma vida de celibato! – Embalando o livro num dos braços, Grace levou a mão à cabeça, fingindo um desmaio. – Oh, salva-me, Senhora da Lua. Que deverei fazer com as atenções de um pretendente tão indesejado? Ajuda-me, depressa, antes que me mate por alergia.

– Dá-me cá esse livro – ordenou Selena, arrancando-o dos braços de Grace. Voltou para dentro de casa, folheando furiosamente o livro pelo caminho. – Bolas, onde falhei?

Grace abriu a porta para deixar Selena entrar na casa fria.

– Não fizeste nada de errado, querida. É tudo uma farsa. Quantas vezes terei de te dizer que há para aí um velhote qualquer fechado num quarto a inventar estas tralhas? Aposto que está farto de se rir, por ver que somos tão tolas...

– Se calhar precisamos de fazer outra coisa qualquer. Aposto que há qualquer coisa nos primeiros parágrafos que não consigo perceber. *Tem* de ser isso. Grace trancou as portas de correr e esperou ser abençoada com um pouco de paciência.

*E eu é que sou a teimosa*, pensou Grace.

O telefone tocou e Grace atendeu. Era Bill, a perguntar por Selena.

– É para ti – disse, passando o telefone à amiga.

Selena atendeu:

– Sim? – Fez uma pausa de alguns minutos. Grace conseguia ouvir o tom de voz exaltado de Bill. Observando a súbita palidez de Selena, Grace pôde perceber que algo se tinha passado. – Está bem, está bem. Vou já para casa. Tens a certeza que estás bem? Certo, amo-te. Estou a caminho. Não tentes fazer nada sem eu estar aí.

Grace sentiu um aperto forte no estômago. Não conseguia deixar de imaginar o polícia à porta do seu quarto de estudante, a comunicar indolentemente, *Lamento informar...*

– O que aconteceu? – inquiriu Grace.

– O Bill caiu no jogo de basquetebol e partiu o braço.

Grace suspirou de alívio. Graças a Deus, não tinha sido um acidente de carro.

– E está bem?

– Ele diz que sim. Os amigos levaram-no a um posto móvel, onde lhe fizeram um raio-X, e depois levaram-no a casa. Disse-me para não me preocupar mas acho melhor ir para casa.

– Queres que te leve?

Selena abanou a cabeça negativamente.

– Não, porque, ao contrário de mim, bebeste uns copitos de vinho a mais. Além disso, tenho a certeza que não será nada sério. Mas sabes como sou cismática. Fica aqui e diverte-te com o resto do filme. Telefono-te amanhã de manhã.

– Está bem. Depois diz-me como está.

Selena pegou na bolsa e procurou as chaves. Já a caminho da porta, parou e entregou o livro a Grace.

– Que se lixe. Fica com ele. Ao menos ris-te com ele por uns dias e pensas na idiota que a tua amiga é.

– Não és idiota. Apenas excêntrica.

– Também disseram isso sobre a Mary Todd Lincoln<sup>1</sup>, até a internarem.

Rindo-se, Grace pegou no livro e viu Selena encaminhar-se para o carro.

– Vai com cuidado – gritou da porta. – E obrigada pelo presente e por teres passado por cá.

Selena acenou antes de entrar no seu jipe Cherokee vermelho-vivo e arrancar. Com um suspiro cansado, Grace trancou a porta e, depois, atirou o livro para o sofá.

– Não saias daqui, *escravo de amor*.

Grace riu-se da sua própria tolice. Será que Selena alguma vez deixaria de se dedicar àquelas coisas sem sentido? Desligou a televisão e levou a louça suja para a banca da cozinha.

Quando estava a enxaguar os copos, viu um raio de luz brilhante. Por um segundo, pensou que era um relâmpago. Mas, então, percebeu que a luz vinha do *interior* da casa.

– Mas que...

Pousou os copos e caminhou em direcção à sala de estar. A princípio, não viu nada. Mas quando se aproximou da porta, *sentiu* uma estranha presença. De tal forma intensa que lhe arrepiava os pêlos dos braços e da nuca.

Com cuidado, entrou na divisão e viu uma figura alta, de pé, diante do sofá. Era um homem.

Um homem belo.

Um homem *nu!*

---

<sup>1</sup> N. do T. Mulher do 16º presidente dos EUA, Abraham Lincoln, assassinado em 1865. O assassinato do marido e a posterior perda de um filho impuseram um tratamento psiquiátrico que culminou com o seu internamento.

*Capítulo*

TRÊS

**GRACE** fez o que qualquer mulher faria quando confrontada com um homem despido na sua sala de estar.

Grace gritou.

E então correu para a porta da frente.

Mas esqueceu-se das almofadas que ainda estavam pousadas no chão, amontoadas. Tropeçou e desequilibrou-se.

*Não!*, gritou silenciosamente, aterrando sem piedade na pilha de almofadas. Tinha de fazer alguma coisa para se proteger.

Aterrorizada e a tremer, vasculhou por entre as almofadas, em busca de uma arma. Sentindo qualquer coisa, esticou o braço, apenas para descobrir um chinelo cor-de-rosa.

Bolas! De repente, reparou na garrafa de vinho. Grace rebolou até ela e agarrou-a, voltando-se de seguida para enfrentar o intruso. Mas este foi mais rápido e deteve suavemente a mão dela, agarrando-lhe o pulso com a sua mão quente.

– Magoaste-te? – perguntou.

Meu Deus, como a sua voz profunda e masculina era rica, com um sotaque denso e cadenciado que apenas poderia ser descrito como musical. Erótico. E absolutamente delicioso.

Grace sentiu o raciocínio toldar-se. Olhou para cima e... Bem... Na verdade, ela só viu uma coisa, que a fez corar como um pimento em brasa. Afinal de contas, como poderia não reparar *naquilo*, ali ao alcance da sua mão? E era bem grande.

De imediato, ele ajoelhou-se a seu lado e, suavemente, afastou uma madeixa de cabelo dos seus olhos. Perscrutou-lhe ainda o couro cabeludo, em busca de algum ferimento.

O olhar de Grace deliciava-se com o peito dele. Incapaz de superar a imponência daquela magnífica pele, Grace lutava contra a ânsia de gemer perante a sensação terrivelmente excitante dos dedos dele tocarem-lhe o cabelo. Uma ânsia que lhe consumia o corpo todo.

– Bateste com a cabeça? – insistiu.

De novo, aquela estranha e maravilhosa pronúncia que ribombava dentro dela como uma carícia quente e suavizante.

Grace contemplou a incandescência da pele dourada e escura daquele homem, que parecia ordenar que estendesse o braço e lhe tocasse. Ele praticamente cintilava!

Seduzida, quis ver-lhe o rosto, para confirmar com os seus próprios olhos se todo ele era tão incrível quanto o seu corpo deixava prever. Percorrendo-o com o olhar, através dos músculos talhados dos seus ombros, ficou boquiaberta. A garrafa de vinho escorregou-lhe dos dedos adormecidos.

Era ele!

Não, não era possível!

Aquilo não podia estar a acontecer. E ele não podia estar nu, na sua sala de estar, a afagar-lhe o cabelo. Aquele tipo de coisa simplesmente não acontecia na vida real. Sobretudo a pessoas tão medianas quanto ela.

No entanto...

– Julian? – perguntou, já sem fôlego.

Ele possuía a figura de um ginasta no auge da sua forma. Os músculos eram rijos, lisos e maravilhosos, fabulosamente definidos em lugares onde nem imaginava que pudessem existir, no corpo de um homem. No cimo dos ombros, braços e antebraços. No peito e nas costas. Do pescoço, às pernas. Em toda a parte! Palpitavam de cru e masculino vigor. Até *aquilo* tinha já começado a palpitar.

O seu cabelo loiro caía em cascatas improvisadas, sobre um rosto imaculadamente barbeado que parecia ter sido talhado da pedra. Inacreditavelmente belo e enfeitiçante, o seu rosto não era bonito, nem feminino. Mas era, definitivamente, de cortar a respiração.

Os lábios grossos e sensuais curvavam-se num sorriso perfeito, desenhando um par de covinhas que se alongavam em meias-luas, profundamente incrustadas nas suas faces bronzeadas.

E aqueles olhos.

*Meu Deus!*

Eram do mesmo límpido azul-celeste que pinta um céu perfeito e sem nuvens, com um traço de azul-escuro a sublinhar os contornos da íris.

Os olhos dele vibravam de intensidade e cintilavam inteligência. Grace teve o pressentimento de que o seu olhar poderia *realmente* matar. Ou, pelo menos, aniquilar.

E ela tinha sido certamente aniquilada naquele momento. Cativada por um homem demasiado perfeito para ser real.

Hesitando, Grace estendeu a mão e pôs-a no braço dele. Ficou abismada quando viu que o braço dele não se evaporou, explicando toda aquela experiência como uma simples alucinação ébria.

Não, aquele braço era real. Real e duro e quente.

A pele sob a sua mão contraiu-se num poderoso músculo que lhe fez parar o coração. Estupefacta, Grace não conseguia fazer mais nada senão olhar. Julian franziu o sobrolho, intrigado. Nunca nenhuma mulher se afastara dele. Nem o dispensara depois de pronunciar a invocação antiga. Todas as outras tinham ansiado a sua encarnação, caindo instantaneamente nos seus braços, exigindo prazer.

Mas esta não... Esta era diferente.

Os lábios de Julian denunciavam um sorriso, à medida que ele a percorria com o olhar. O cabelo dela, espesso e preto, caía-lhe pelas costas, e os olhos cinzento-claros lembravam o oceano, imediatamente antes de uma tempestade. Uns olhos pardos com pequenas pontadas de prata e verde que anunciavam inteligência e docilidade. A sua pele suave e branca estava coberta por pequenas sardas de um castanho muito claro. Era tão adorável como a sua voz suave e com sotaque. Embora isso não fizesse diferença.

Independentemente do seu aspecto, Julian existia apenas para servir a sua sexualidade. Para se perder no sabor do seu corpo unido com o dele. E tencionava fazer exactamente isso.

– Pronto – disse, colocando as mãos nos ombros dela. – Deixa-me ajudar-te a levantar.

– Estás nu – sussurrou Grace, olhando de cima a baixo em absoluta admiração, à medida que se punham de pé. – Estás completamente nu.

Julian prendeu-lhe duas madeixas de cabelo negro atrás das orelhas.

– Eu sei.

– *Estás nu!*

– Sim, já concluímos isso.

– Estás *feliz* e nu.

Confuso, Julian perguntou, franzido o sobrolho:

– O quê?

Grace voltou o olhar para a erecção de Julian, explicando:

– Estás *feliz* – disse, apontando com o olhar. – E estás nu.

Então era assim que lhe chamavam neste século. Teria de fixar a expressão.



– E isso deixa-te desconfortável? – inquiriu, intrigado com a possibilidade de uma mulher se incomodar com a sua nudez, quando nenhuma outra o revelara.

– Ora nem mais!

– Bem, eu conheço uma cura – sugeriu Julian, baixando ligeiramente a voz e observando a camisola de Grace e os mamilos endurecidos que se retesavam contra o fino tecido branco. Uns mamilos que mal podia esperar para descobrir. Para provar.

Julian moveu-se para se aproximar de Grace. Mas esta recuou, com o coração a palpitar. Aquilo não estava a acontecer. Não podia estar a acontecer. Ela estava bêbeda e delirante. Ou, então, tinha batido com a cabeça na mesinha de café, estava inconsciente e a esvair-se em sangue.

Sim! Era isso! Fazia todo o sentido.

Enfim, fazia bem mais sentido do que a vibração enfeitiçante e poderosa que lhe consumia o corpo. Uma vibração que lhe implorava que saltasse para o colo daquele homem.

E que rico colo!

*Caramba, rapariga! Quando tens uma fantasia, não estás com meias medidas. Deves andar a trabalhar demasiado. Estás a começar a trazer os sonhos dos teus pacientes para casa.*

Julian aproximou-se de Grace e amparou-lhe o rosto com as suas mãos robustas. Grace não conseguia mexer-se. Tudo o que conseguiu fazer foi deixar que ele lhe puxasse o rosto para cima, em direcção àqueles olhos penetrantes que podia jurar serem capazes de lhe lerem a alma. Hipnotizavam-na como os de um predador letal ao seduzir a sua presa.

Ela tremeu com o abraço dele. Então, uns lábios ardentes e suplicantes avançaram na sua direcção. Grace gemeu. Toda a vida tinha ouvido falar de beijos que faziam tremer os joelhos, mas esta era a primeira vez que realmente o experimentava.

Oh, mas ele era bom, cheirava bem e sabia ainda melhor.

Sem que se desse conta, os braços dela fecharam-se nos ombros dele, largos e duros como rochas. O calor do peito dele entranhava-se no dela, inundando-a com a promessa erótica e sensual do que estava para vir. E, ao mesmo tempo, ele devorava-lhe a boca com a mestria de um saqueador viking empenhado na completa aniquilação.

Cada centímetro do magnífico corpo dele comprimia-se intimamente contra o seu, esfregando-o com a intenção de aumentar a sua consciência feminina dele. E ela estava bem consciente dele, mais do que de qualquer outro homem.

Grace deslizou a mão pelos músculos das suas costas nuas e suspirou ao senti-las arquearem-se ao seu toque. Decidiu ali mesmo que, se aquilo era um sonho, não ia, de forma alguma, deixar tocar o alarme.

Ou o telefone.

Ou...

As mãos dele desceram-lhe pelas costas, para depois agarrarem-lhe as nádegas, pressionando a anca dela contra a dele, ao mesmo tempo que a sua língua dançava com a dela. O seu aroma a sândalo inundava os sentidos de Grace.

Com o corpo em brasa, Grace explorou os tensos músculos talhados das suas costas nuas com as palmas das mãos, sentido o cabelo longo dele a acariciar-lhe as costas das mãos, numa suave carícia erótica.

A cabeça de Julian delirava com o toque quente de Grace, com a sensação agradável dos braços que o prendiam, à medida que ele passeava as mãos pela suavidade da pele cremosa e sardenta dela.

Como adorava os gemidos que ela fazia, reagindo tão provocantemente a ele. Mmm... mal podia esperar por escutar o seu grito de libertação. Vê-la de cabeça caída para trás, com o corpo em espasmos com o dele.

Passara-se muito tempo desde que ele tinha sentido o toque de uma mulher. Muito tempo desde que sentira qualquer calor humano.

O corpo dele ardia de desejo, e se esta não fosse a primeira vez de ambos, devorá-la-ia como a um delicioso pedaço de chocolate. Deitá-la-ia e consumi-la-ia como um homem esfomeado diante de um banquete.

Mas isso teria de esperar até ela se habituar a ele, pois aprendera, séculos antes, que as mulheres desmaiavam sempre na primeira união com ele. E, decididamente, não queria que esta desmaiasse.

Pelo menos, não para já.

No entanto, não conseguia esperar um minuto mais que fosse para possuí-la. Então, tomou-a nos braços e dirigiu-se para as escadas.

A princípio, Grace não conseguiu sentir nada além da incrível sensação daqueles braços fortes a rodearem-na de calor – de um homem a pegar nela ao colo sem sequer suspirar de esforço. Mas, quando passaram pelo grande ananás de madeira pousado na base da balaustrada, subitamente despertou.

– Eh, pá! – disse, agressivamente, agarrando-se ananás imortalizado em mogno. – Mas para onde pensas que me levas?

Julian parou e fitou-a, intrigado. Naquele instante, Grace percebeu que, forte e portentoso como era, poderia fazer dela o que quisesse e ela não saberia como travá-lo.

Sentiu um tremor avassalar-lhe o corpo. Mas, apesar do perigo, uma

parte dela não sentia medo. Algo no seu âmago lhe dizia que ele nunca a magoaria intencionalmente.

– Estou a levar-te para o teu quarto para podermos terminar o que começámos – respondeu, muito singelamente, como se estivessem a falar de meteorologia.

– Não me parece.

Ele encolheu os seus ombros espantosamente largos.

– Preferes aqui nas escadas? Ou o sofá, talvez? – Julian parou e vasculhou com o olhar a casa dela, como se em busca de novas opções. – Por acaso, não é má ideia. Há muito tempo que não possuo uma mulher no...

– Não, não, não! O único sítio onde me vais possuir é nos teus sonhos. Agora, pousa-me no chão antes que me zangue a sério.

Para seu espanto, Julian obedeceu. Grace sentiu-se um pouco melhor, agora que estava no chão, e subiu dois degraus. Podiam encarar-se finalmente, num plano mais equilibrado – enfim, tanto quanto possível perante um homem que possuísse tamanho poder e pujança inatos.

Subitamente, Grace sentiu todo o impacto da sua presença.

*Ele era real!*

Céus, Selena e ela tinham, de facto, conseguido evocá-lo!

Julian olhou-a penetrantemente, revelando um rosto contido e sério.

– Não compreendo porque estou aqui. Se não me queres dentro de ti, então porque me convocaste?

Grace quase gemeu ao som das suas palavras. Pior, visualizou o corpo dourado, tenso e poderoso dele movendo-se sobre o dela. Qual seria a sensação de ter um homem tão incredivelmente delicioso a fazer amor com ela pela noite dentro?

E ele seria certamente delicioso na cama. Não tinha quaisquer dúvidas. Tendo em conta a pujança e os gestos que lhe tinha mostrado até ao momento, só não podia precisar quão melhor seria.

Grace ficou tensa só de pensar. Que teria este homem de especial? Nunca, em toda a sua vida, sentira tamanha fome sexual. Nunca! Ela podia deitá-lo no chão e devorá-lo, literalmente.

Não fazia sentido.

A sua experiência permitira-lhe acostumar-se a um sexo descrito através dos termos mais crus – alguns dos seus pacientes tentavam, por vezes, chocá-la ou mesmo excitá-la. Mas nenhum obtivera tamanha reacção da sua parte.

Contudo, com ele, ela só conseguia pensar em tomá-lo nos seus braços e possuí-lo no chão. Este pensamento tão pouco natural para Grace foi o que a despertou. Abriu a boca para responder à questão, mas parou. O que havia de fazer com este homem?

Além do que ele tinha sugerido...

Grace abanou a cabeça, incrédula.

– Mas que hei-de fazer contigo?

Os olhos de Julian tornaram-se escuros de desejo quando voltou a aproximar-se dela. *Oh, sim*, implorava o corpo dela, *por favor, toca-me em todo o lado*.

– Pára com isso! – irrompeu Grace, tanto para ele como para si própria, recusando-se a perder o controlo. Quem tinha que mandar era o pensamento racional e não as suas hormonas. Já tinha cometido esse erro e não voltaria a repeti-lo.

Subiu mais um degrau e enfrentou-o. Caramba, como era lindo. O seu cabelo ondulado e dourado descia até ao meio das costas, onde estava apanhado com um cordão de pele castanho-escuro. Todo, excepto três tranças finas com contas nas extremidades e que se moviam ao ritmo dos movimentos do seu corpo. As sobrancelhas, castanho-escuras, encimavam uns olhos a um tempo ternos e aterradores. Uns olhos que a fitavam com demasiado ardor.

E, naquele momento, Grace quis matar Selena. Mas essa vontade não se comparava à de saltar para a cama com aquele homem e cravar os dentes naquele bronzado áureo.

*Pára!*

– Não compreendo o que se está a passar – confessou, finalmente. Tinha de pensar bem no assunto, decidir o que fazer. – Preciso de me sentar por um minuto. E tu... – Passeou os olhos pelo seu corpo perfeito. – Tu precisas de te vestir.

Os cantos da boca de Julian contorceram-se. Em toda a sua existência, Grace era a primeira mulher a dizer-lhe tal coisa. Na verdade, todas as mulheres que conhecera antes da maldição, não descansavam enquanto não lhe tiravam a roupa. O mais depressa possível. E, após a maldição, as mulheres que o invocavam passavam dias a fitar a sua nudez, a passar as mãos pelo seu corpo, a saborear a visão que era o seu corpo.

– Espera aqui por um segundo – pediu, antes de subir a correr pelas escadas.

Julian observou as ancas de Grace bambolearem com o movimento pela escada acima e, imediatamente, o seu corpo ficou quente e tenso. Cerrou os dentes, fazendo os possíveis para ignorar o fogo que sentia no ventre, e olhou à sua volta. A solução era, definitivamente, distrair-se. Pelo menos, até Grace ceder à sua vontade, o que não demoraria muito. Mulher alguma jamais se contivera perante ele, fosse por que tempo fosse.

Sorrindo amargamente a tal reflexão, Julian passeou os olhos pela casa. Onde e em que época estaria ele? Não sabia por quanto tempo tinha

sido mantido em cativeiro. Apenas conseguia recordar-se do som de algumas vozes ao longo dos tempos, a subtil mudança de pronúncias e línguas, era após era.

Olhando na direcção da luz sobre a sua cabeça, franziu o sobrolho. Não havia fogo. O que seria aquilo? Sentiu os olhos marejarem de dor e afastou o olhar. Concluiu que deveria ser uma lâmpada.

– *Hei! Preciso de mudar uma lâmpada. Faz-me o favor de desligar o interruptor ao lado da porta, sim?*

Recordando as palavras do dono da loja, Julian olhou para a porta e divisou o que lhe pareceu ser o interruptor. Desceu as escadas e baixou a pequena alavanca. De imediato, as luzes apagaram-se. Voltou a ligá-las. Não conseguiu evitar um sorriso. Que mais maravilhas lhe reservaria esta era?

– Pronto.

Julian voltou-se para Grace, que chegava agora ao último degrau. Atirou-lhe um longo rectângulo de tecido verde-escuro. Julian apanhou-o contra o peito, inundado por uma sensação de descrença. Aquela mulher queria mesmo cobri-lo?

Que estranho. Com o semblante sério, envolveu as ancas com o tecido. Grace aguardou até que ele se afastasse da porta para poder fitá-lo de novo. Graças a Deus, estava finalmente tapado. Agora percebia por que motivo os vitorianos insistiam em folhas de videira. Infelizmente, não as podia encontrar no seu quintal, mas apenas alguns arbustos de azevinho, que ela duvidava que ele apreciasse.

Grace dirigiu-se à sala de estar e sentou-se no sofá.

– Juro-te, Lanie – sussurrou. – Vais pagar-mas bem caras.

E, de repente, ele estava ali, sentado ao lado dela, incendiando cada hormona do seu corpo com a sua simples presença.

Afastando-se para o lado oposto do sofá, Grace olhou-o, cautelosamente.

– Então, por quanto tempo contas ficar?

*Uau, grande pergunta, Grace! E porque não falar do tempo ou perguntar-lhe o signo? Credo!*

– Até à próxima lua cheia.

Os olhos de Julian tornavam-se mais quentes. À medida que o seu fitar percorria o corpo de Grace, esta derretia de gelo para fogo, entre dois simples batimentos cardíacos.

Inclinou-se na direcção dela, tentando tocar-lhe o rosto. Grace saltou em sentido e deslocou-se para o outro lado da mesa de centro.

– Estás a tentar dizer-me que vou ter de te aturar durante o próximo mês?

– Sim.

Estupefacta, Grace esfregou os olhos. Não conseguiria conviver com ele durante um mês. Um mês completo! Ela tinha responsabilidades, obrigações. Tinha de aprender um novo *hobby*.

– Escuta – começou Grace. – Acredites ou não, eu tenho vida própria. Uma vida que não te inclui.

Conseguia perceber, pela expressão dele, que não estava a prestar atenção às suas palavras. Nenhuma mesmo.

– Se achas que estou muito feliz por estar aqui contigo, desengana-te. Posso assegurar-te que não estou aqui por opção minha.

As palavras dele feriram-na.

– Bem, *parte* de ti parece discordar.

Grace assinalou com o olhar a parte do corpo de Julian que ainda estava hirta como um cepo. Olhando para o ventre e para o alto que elevava a toalha, Julian suspirou e disse:

– Infelizmente, não posso controlar *isso*, como não posso controlar a minha presença aqui.

– Bom, a porta da rua é serventia da casa – replicou Grace, apontando na sua direcção. – Não entales o rabo ao sair.

– Acredita quando te digo que, se pudesse partir, já cá não estava.

Grace hesitou perante estas palavras e o seu significado.

– Estás a dizer que não posso ordenar que te vás embora? Ou obrigarte a voltar para o livro?

– Repetindo as tuas palavras, *ora nem mais*.

Grace ficou silenciosa.

Julian ergueu-se e fitou-a. Em todos os séculos da sua maldição, era a primeira vez que tal questão se proporcionara. Todas as outras mulheres sabiam o que ele era e estavam mais do que dispostas a passar um mês inteiro nos seus braços, usufruindo do seu corpo para o seu próprio prazer. Nunca, em toda a sua existência, esta ou a mortal, encontrara uma mulher que não o desejasse fisicamente.

Era... estranho.

Embaraçoso.

Quase humilhante.

Estaria a maldição a perder a sua pujança? Seria possível ser livre novamente?

Mas mesmo permitindo-se a este breve pensamento, sabia que seria impossível. Quando os deuses gregos impunham um castigo, faziam-no com estilo e uma sede de vingança, que nem dois milénios conseguiriam debelar.

Em tempos, há muito tempo, tentara lutar contra a sua sina. Acredi-

tara que poderia ser livre. Mas dois mil anos de cativo e tortura inabaláveis ensinaram-lhe uma coisa: resignação.

Tinha merecido o inferno e, como o soldado que era, aceitara a punição. Engolindo o nó que lhe confrangia a garganta, Julian abriu os braços e ofereceu-lhe o corpo.

– Podes fazer de mim o que quiseres. Diz-me apenas como te posso agradar.

– Sendo assim, desejo que partas.

Julian deixou cair os braços.

– Tudo, menos isso.

Frustrada, Grace começou a caminhar freneticamente. Agora que as suas hormonas estavam controladas e que conseguia reflectir com mais clareza, penava por uma solução. Mas, por mais que tentasse, nada parecia funcionar.

De repente, começou a sentir uma dor de cabeça terrível. Mas o que iria fazer durante um mês – um mês completo – com ele? Uma vez mais, foi torturada por uma imagem dele sobre o corpo dela, com o cabelo caindo em torno dos corpos de ambos, numa suave cascata, à medida que ele mergulhava profundamente no corpo dela.

– Preciso de qualquer coisa – disse Julian, mas a sua voz esvaneceu-se.

Grace voltou-se para ele, com o corpo ainda a clamar pelo dele. Seria muito mais fácil ceder-lhe, mas isso seria errado. Ela recusava-se a usá-lo dessa forma. Como... Não, não ia pensar sobre o assunto. *Recusava-se* a pensar no assunto.

– O quê? – perguntou.

– Comida – respondeu Julian. – Se não me vais dar uso a seguir, importavas-te que comesse?

Grace reparou no olhar tímido e quase zangado de Julian e percebeu que não estava habituado a pedir nada. Então, ocorreu-lhe que, se a situação era estranha e difícil o bastante para ela, não tinha pensado em como ele estaria a sentir-se. Ser arrancado lá de onde ele tivesse vindo e depois atirado para a vida dela devia ser terrível.

– Claro – respondeu ela, fazendo-lhe sinal para que a seguisse. – A cozinha é aqui. – Conduziu-o pelo curto corredor em direcção à parte traseira da casa. Abriu a porta do frigorífico e deixou-o espreitar. – O que te apetece?

Mas, em vez de espreitar, Julian deixou-se ficar para trás e perguntou:

– Ainda tens piza?

– Piza? – repetiu, chocada. Como saberia o que era uma piza?

Julian encolheu os ombros.

– Pareceu-me que gostas muito de a comer.

Grace sentiu-se corar ao recordar-se do que se passara horas antes. Selena comentara novamente que a comida podia ser um bom substituto do sexo e Grace simulara um orgasmo ao comer a sua última fatia.

– Ouviste-nos?

De rosto inalterável, Julian replicou, calmamente:

– O escravo de amor escuta tudo o que for dito perto do livro.

O rosto de Grace não podia ficar mais vermelho.

– Não tenho mais piza – respondeu rapidamente, para tentar arrefecer o rosto dentro do frigorífico. – Mas tenho um resto de massa com frango.

– E vinho?

Grace acenou afirmativamente.

– É aceitável.

O tom de voz arrogante de Julian irritou-a solenemente. Era aquela postura de “O homem aqui sou eu, querida, dá-me de comer.” Um tom à Tarzan que lhe punha o sangue a ferver.

– Meu caro amigo, eu não sou a tua cozinheira. Metes-te comigo e ainda comes *Alpo*<sup>2</sup>.

Julian franziu o sobrolho e perguntou:

– *Alpo*?

– Esquece. – Ainda irritada, tirou o prato de massa com galinha e preparou-o para levá-lo ao microondas.

Julian estava sentado à mesa com a sua aura de resplandecente arrogância, que simplesmente desafiava a sua tolerância. Desejando ter realmente uma lata de *Alpo*, Grace verteu a massa para uma taça.

– Mas quanto tempo estiveste fechado naquele livro? Desde a Idade das Trevas?

Pelo menos, agia como se fosse dessa época... Estava sentado, quieto como uma estátua, sem revelar emoções ou o que quer que fosse. Era capaz de jurar que se tratava de um andróide.

– A última vez que me convocaram foi em 1895.

– Não posso! – Grace fitou-o, estupefacta, ao mesmo tempo que colocava a taça no microondas. – 1895? A sério?

Julian assentiu.

– E quando é que ficaste aprisionado no livro?

A raiva que atravessou o rosto de Julian, naquele momento, era tão intensa que a assustou.

– Em 149 a. C., de acordo com o vosso calendário.

---

<sup>2</sup> Marca de comida para cão. (N. da T.)



Grace arregalou os olhos.

– Em 149 a. C.? Caramba! Quando te chamam Julian da Macedónia, és mesmo da Macedónia. *Dos Macedónios.*

Julian confirmou com um aceno curto de cabeça. Grace tinha a cabeça a andar à roda, quando fechou a porta do microondas e o ligou. Era impossível. Tinha de ser impossível!

– Mas como ficaste preso dentro do livro? Quero dizer, os Gregos Antigos não tinham livros, pois não?

– A princípio, fui encarcerado num pergaminho, lacrado para não poder ser aberto – explicou, sombriamente, embora o rosto se mantivesse impassível. – Quanto ao motivo do meu aprisionamento, foi por ter invadido Alexandria.

Grace ficou séria. Ora, aquilo não fazia sentido nenhum. Enfim, nada do que se estava a passar fazia qualquer sentido.

– Mas como é que invadir uma cidade..

– Alexandria não era uma cidade. Era uma virgem consagrada.

Grace ficou tensa ao som destas palavras e com a ideia de que “invadir” uma mulher pudesse aprisionar um homem para toda a eternidade.

– Violaste uma virgem?

– Não a violei – respondeu, olhando-a fixamente. – Foi consentido, garanto-te.

Muito bem, tinha tocado na ferida. Grace percebeu-o pelo comportamento mais frio. Aquele homem não gostava de falar no passado. Teria de ser mais subtil nas suas perguntas.

Julian ouviu o estranho som do aparelho e viu Grace carregar num retângulo, para depois abrir a caixa preta onde colocara a comida.

Grace pousou a taça fumegante à frente dele, com um garfo e faca prateados, um guardanapo de papel e um cálice de vidro com vinho. O suave aroma inundou os seus sentidos e o seu estômago doía de fome. Devia, provavelmente, ficar admirado com a forma e a rapidez com que ela tinha cozinhado, mas depois de ouvir falar de coisas como comboio, câmara, automóvel, fonógrafo, foguetões e computadores, dificilmente alguma coisa o surpreenderia agora.

Na verdade, já não se deixava levar pelos sentimentos, desde que, por necessidade, banira todas as emoções da sua vida. A sua existência reduzia-se a dias perdidos ao longo dos séculos. O seu único propósito era servir as necessidades sexuais de quem o convocasse. E tinha aprendido, ao longo dos últimos dois mil anos, a tirar proveito dos pequenos prazeres que se proporcionavam a cada encarnação.

Assim, Julian levou uma garfada modesta à boca e saboreou a deliciosa sensação da massa quente e cremosa na sua língua. Pura felicidade.

Permitiu que o aroma do frango e das especiarias invadissem a sua mente. Passara uma eternidade desde a última vez que comera o que quer que fosse. Uma eternidade de fome avassaladora. Fechou os olhos e engoliu.

Mais habituado à fome do que ao alimento, o seu estômago protestou veementemente ao ingerir a primeira garfada de comida. Julian apertou a faca e o garfo nas mãos, tentando debelar a dor violenta. Mas não parou de comer. E não pararia, enquanto houvesse comida. Esperara tanto para saciar a fome que não ia parar agora.

Após algumas garfadas mais, as dores aliviaram, permitindo-lhe apreciar a refeição. E, à medida que as dores lhe davam tréguas, foi preciso toda a sua força de vontade para comer como um ser humano e não engolir a comida, num desespero de aplacar a fome que lhe dilacerava o âmago.

Nestas alturas, era-lhe difícil lembrar-se de que ainda era um homem e não uma qualquer fera furiosa, acabada de ser libertada do cativeiro. Perdera quase toda a humanidade séculos antes. Tencionava preservar o pouco que lhe restava.

Grace recostou-se de encontro ao balcão e observou-o a comer, devagar, quase mecanicamente. Não saberia dizer se ele estava a gostar da comida, mas não parava de comer. Mas o que a surpreendia era a impecável etiqueta europeia que ele praticava. Ela própria nunca tinha conseguido comer daquela forma e perguntava-se em que momento ele teria aprendido a segurar a faca para equilibrar a massa no grafo e depois comê-la.

– Havia garfos na antiga Macedónia? – perguntou.

Julian parou.

– Desculpa?

– Estava só a pensar em que altura o garfo foi inventado. Já havia em...

*Estás a divagar, gritou a mente dela. Bem, e quem não o faria? Era só olhar para aquele homem. Quantas vezes alguém se portou como uma idiota e viu uma estátua grega ganhar vida? Sobretudo, uma estátua com aquele aspecto?*

Não muitas.

– O garfo foi inventado algures no século XV, acho eu.

– A sério? – perguntou. – Estavas presente?

O rosto de Julian continuava impávido, quando o ergueu para perguntar:

– Quando? Na invenção do garfo ou no século XV?

– No século XV, claro. – E, pensando melhor, acrescentou: – Não estavas presente quando o garfo foi inventado, pois não?

– Não. – Aclarou a voz e limpou a boca com o guardanapo. – Fui

convocado quatro vezes nesse século. Duas em Itália, uma em Inglaterra e outra em França.

– A sério? – comentou, tentando imaginar como seria a vida naquela época. – Aposto que viste muita coisa ao longo dos séculos.

– Nem por isso.

– Oh, vá lá. Em dois mil anos...

– Vi sobretudo quartos, camas e armários.

O tom seco da voz de Julian fê-la parar, enquanto ele retomou o seu repasto. Veio-lhe à mente uma imagem de Paul que lhe apertou o coração. Só tinha conhecido um idiota egoísta e insensível. Mas Julian parecia ter conhecido muitos mais.

– Então, diz-me, ficas no livro até alguém te chamar?

Julian assentiu.

– E o que fazes no livro, para passares o tempo?

Julian encolheu os ombros e Grace percebeu que ele não variava muito os seus gestos. Nem as palavras.

Avançou e sentou-se perto dele.

– Sabes, de acordo com o que me contaste, temos um mês juntos, por isso, que tal torná-lo mais agradável e conversar?

Julian olhou para cima, surpreendido. Não conseguia lembrar-se da última vez em que alguém tinha, efectivamente, conversado com ele, excepto para o instruir sobre a forma como dar ainda mais prazer. Ou para o chamar para a cama novamente.

Aprendera muito cedo que as mulheres só queriam uma coisa dele: qualquer parte do seu corpo profundamente embrenhada entre as pernas delas. E foi com esse pensamento que se permitiu passear o olhar lentamente, langorosamente, sobre o corpo de Grace, parando no peito, subitamente mais tenso sob o seu fitar prolongado.

Indignada, Grace cruzou os braços sobre o peito e esperou que olhar dele se encontrasse com o dela.

Julian quase riu. Quase.

– Sabes – começou, usando as palavras dela –, há coisas bem mais interessantes para fazer com a língua do que conversar... como passá-la pelos teus seios nus e na concavidade da tua garganta. – Deixou o olhar cair para a mesa, aproximadamente na zona do colo de Grace. – Para não falar de outros lugares por onde ela pode andar.

Por instantes, Grace ficou estupefacta. Depois, divertida. E, então, *muito* excitada.

Ocorreu-lhe que, como terapeuta, ouvira discursos bem mais cho-cantes do que aqueles. Sim, mas nunca de uma língua que queria usar em circunstâncias que não as de uma conversa.

– Tens razão, podemos fazer muitas coisas com ela, como cortá-la  
– respondeu, saboreando por momentos a surpresa que se desenhava no  
olhar dele. – Mas sou uma mulher que gosta de conversar e tu estás aqui  
para me agradar, certo?

Sentiu-se uma tensão muito subtil na resposta de Julian, como se ten-  
tasse resistir ao seu papel.

– Estou, sim.

– Então, diz-me o que fazes quando estás dentro do livro.

O olhar de Julian penetrou o dela com uma intensidade tal que ener-  
vou, intrigou e até assustou Grace.

– É como estar preso dentro de um sarcófago – respondeu, em voz  
baixa. – Escuto vozes, mas não consigo ver luz ou o que quer que seja. Sim-  
plesmente fico ali, incapaz de me mover. À espera. À escuta.

Grace arrepiou-se com a descrição. Lembrou-se de uma vez, há mui-  
tos anos, quando se fechou, sem querer, na barraca de ferramentas do pai.  
Não havia luz nem forma de sair. Assustada, sentiu uma tremenda falta de  
ar e a cabeça tonta de pânico. Gritou e bateu na porta até ficar com a mão  
cheia de nódoas negras.

Por fim, a sua mãe ouviu-a e libertou-a. Grace ficara um pouco claus-  
trofóbica por causa dessa experiência, algo que ainda a perturbava. Não  
consequia imaginar o que seria passar séculos encerrada em tal lugar.

– Que horror – sussurrou.

– Com o tempo, habituamo-nos.

– Sim?

Não podia negar, mas por algum motivo duvidava que assim fosse.  
Quando a mãe dela a libertou da barraca, percebeu que só tinha ficado fe-  
chada por meia hora, mas o tempo lá passado parecera-lhe uma eternidade.  
Como seria passar realmente uma eternidade fechada lá dentro?

– Alguma vez tentaste fugir?

O olhar que Julian lhe lançou respondeu à questão.

– E o que aconteceu? – perguntou.

– Como é evidente, falhei – replicou.

Grace sentia-se mal por ele. Dois mil anos fechado dentro de uma  
cripta sem luz. Era espantoso como se mantinha são. Que fosse capaz de  
estar ali sentado e falar.

Não admirava que quisesse comida. Aquele tipo de privação senso-  
rial era pura e inabalável tortura. Naquele momento, sentiu que tinha de  
ajudá-lo. Não sabia bem como, mas teria de haver uma forma qualquer de  
o libertar.

– E se conseguíssemos descobrir uma forma de te libertar?

– Garanto-te que não há.

– És um bocadinho pessimista, não?

Julian lançou-lhe um olhar trocista ao responder:

– Estar fechado por dois mil anos parece ter esse efeito nas pessoas.

Grace observou-o a comer, sem parar de pensar. O lado mais optimista da sua personalidade recusava-se a aceitar o derrotismo dele, tal como a terapeuta dentro de si se recusava a não ajudá-lo. Jurara aliviar o sofrimento dos outros e Grace levava sempre os seus juramentos muito a peito.

A força de vontade podia muito. E, acontecesse o que acontecesse, Grace descobriria uma maneira de o libertar! Entretanto, decidiu que faria algo por ele que duvidava que alguém alguma vez tivesse feito: dar-lhe-ia a oportunidade de aproveitar a sua estadia em Nova Orleães. As outras mulheres podiam tê-lo fechado nos seus quartos ou roupeiros, mas ela não ia acorrentar ninguém.

– Muito bem. Então, digamos que esta encarnação será só tua, amigo.

Julian desviou a atenção da comida, subitamente interessado.

– Vou ser a tua escrava – explicou Grace. – Faremos o que quiseres fazer. Veremos o que quiseres ver.

O canto da boca de Julian contorceu-se ligeiramente, esboçando um sorriso, ao mesmo tempo que bebia um pouco de vinho.

– Tira a camisola.

– Desculpa? – perguntou Grace.

Julian pousou o copo e penetrou-a com um olhar desejoso e de pura luxúria.

– Disseste que eu podia ver o que quisesse ver e fazer o que quisesse fazer. Pois bem, quer ver o teu peito nu e quero passar a minha língua...

– Eh, pá, toca a acalmar, garanhão – interrompeu Grace, com o rosto corado e o corpo a ferver. – Parece-me que teremos de impor umas quantas regras enquanto aqui estiveres. Número um, isso não vai acontecer.

– E porquê?

Sim, o corpo de Grace perguntava o mesmo, com a sua voz interior a implorar, meio furiosa. *Porque não?*

– Porque não sou uma gata no cio, à espera que o próximo gato chegue, faça o seu serviço e parta.

## QUATRO

**JULIAN** franziu o sobrolho quando ouviu a analogia completamente inesperada e cruel de Grace. Mas, ainda mais surpreendente do que as suas palavras, tinha sido a quantidade de amargura que sentira nelas. Grace devia ter sofrido muito no passado. Não admirava que se sentisse nervosa perto dele.

Então, lembrou-se de Penélope e sentiu uma facada intensa no seu peito, e só o seu sólido treino militar impedira que gemesse.

Julian tinha muito que expiar. Pecados tão imensos que nem dois mil anos poderiam redimir. Não tinha apenas nascido um sacana, mas uma vida de desespero e traição tornara-o assim.

Fechou os olhos e afastou os pensamentos. Eram coisas do passado e aquilo era o presente. Grace era o presente. E ele estava ali por ela.

Agora, ele compreendia o que Selena dissera sobre Grace. Era por isso que ele ali estava. Para mostrar a Grace que o sexo devia ser apreciado.

Nunca lhe tinha acontecido semelhante coisa. Olhando para Grace, os seus lábios esboçaram um pequeno sorriso. Esta seria a primeira vez na vida que ele teria de lutar pelo interesse de uma mulher. Nenhuma mulher lhe recusara o corpo.

Afinal, teimosa e voluntariosa como era, Julian sabia que levá-la para a cama seria um desafio tão complexo quanto derrotar o exército romano.

Sim, ele saborearia a oportunidade.

Tal como saborearia Grace. Cada centímetro sardento do corpo dela. Grace engoliu em seco com a visão do primeiro sorriso genuíno no

rosto de Julian. Um sorriso que lhe suavizara os traços do rosto e o tornava ainda mais irresistível.

Em que estaria a pensar?

Uma vez mais, Grace sentiu o rosto inundar-se de calor, ao pensar nas palavras cruéis que pronunciara. Desejava não as ter dito. Não era seu costume deixar escapar os seus pensamentos mais íntimos, muito menos em conversa com um estranho.

Mas havia algo naquele homem que a cativava muito. Qualquer coisa que a tocava de uma forma muito profunda. Talvez fosse a dor pouco disfarçada que relampejava naqueles olhos azuis-celeste, quando o observava sem ele o notar. Ou talvez os seus anos de experiência como psicóloga não lhe permitissem ter um homem a sofrer na sua própria casa, sem tentar ajudá-lo.

Não sabia.

O relógio antigo no corredor de cima acusava uma hora da manhã.

– Meu Deus – exclamou, chocada por ver que era tão tarde. – Tenho de me levantar às seis.

– Vais para a cama? Vais dormir?

Se a postura dele não fosse tão soturna, o olhar de espanto no seu rosto teria feito Grace rir.

– Tem de ser.

A testa de Julian ficou tensa de...

Dor?

– Passa-se alguma coisa? – perguntou Grace.

Julian abanou a cabeça.

– Então, vou mostrar-te onde podes dormir e...

– Não tenho sono.

Grace foi surpreendida pelas palavras dele.

– O quê?

Julian olhou para cima, incapaz de expressar o que sentia. Estivera aprisionado por tanto tempo dentro daquele livro, que só pensava em correr ou saltar. Apenas celebrar a sua repentina liberdade de movimentos.

Não queria ir para a cama. Só de pensar em ficar deitado na escuridão, por um minuto que fosse...

Custava-lhe respirar.

– Estou a descansar desde 1895 – explicou. – Não tenho bem a certeza de quanto tempo passou entretanto, mas, ao que parece, deve ter sido bastante.

– Estamos em 2002 – replicou Grace, para seu esclarecimento. – Estiveste a “dormir” durante 107 anos.

Não, não era verdade. Ele não tinha estado a dormir.

Ele dissera-lhe que conseguia ouvir tudo o que se dizia perto do livro, o que significava que tinha estado acordado e trancado aquele tempo todo. Isolado. Sozinho.

Ela era a primeira pessoa com quem conseguira falar ou estar, em mais de cem anos. Sentiu um aperto solidário no estômago. Embora a prisão que era a sua timidez nunca tivesse sido propriamente palpável, Grace sabia o que era estar num sítio a escutar as pessoas, sem estar com elas efectivamente. Ficar de fora, a espreitar para dentro.

– Gostava muito de poder ficar acordada – comentou, disfarçando um bocejo. – A sério que sim. Mas, se não dormir o suficiente, o meu cérebro fica tipo *Gelly-Já* e não consigo fazer nicles.

– Eu compreendo. Pelo menos, acho que percebi o essencial da tua mensagem, embora não saiba muito bem o que significa *Gelly-Já* e nicles.

Grace sentia a desilusão no tom da voz dele.

– Podes ver televisão.

– Televisão?

Pegou no prato vazio e passou-o por água, e depois conduziu-o novamente para a sala de estar. Ligando a televisão, ensinou-o a mudar de canal com o telecomando.

– Incrível – suspirou, quando o manipulou pela primeira vez.

– Sim, é bastante prático.

Assim, poderia manter-se ocupado. Afinal de contas, os homens só precisavam de três coisas para serem felizes: comida, sexo e um telecomando. Duas dessas coisas seriam suficientes para mantê-lo satisfeito por uns tempos.

– Bem – disse ela, dirigindo-se às escadas. – Boa noite.

Quando passou por ele, Julian tocou-lhe no braço. Embora o toque tivesse sido leve, transmitiu-lhe uma intensa onda de choque. Apesar do rosto impassível, os olhos dele vibravam de emoção. Grace viu o seu tormento, a sua necessidade, mas sobretudo a sua solidão.

Ele não queria que ela se fosse embora. Lambendo os lábios, subitamente secos, sugeriu algo inacreditável:

– Tenho outra televisão no quarto. Queres ver lá enquanto durmo?

Julian respondeu-lhe com um sorriso atrevido. Seguiu-a escadas acima, espantado por ela o ter percebido sem precisar de falar. Por ela ter pensado na necessidade dele de não ficar sozinho, além das suas próprias preocupações. Fê-lo sentir-se estranho em relação a ela. Foi acometido por uma sensação inédita no seu âmago.

Seria ternura?

Não saberia dizer.



Grace conduziu-o para um quarto enorme, com uma cama de dossel, disposta no centro da parede mais distante. Em frente à cama ficava uma cómoda de tamanho médio, e em cima dela havia a tal “televisão”, como ela lhe tinha chamado.

Grace observou Julian passear pelo quarto dela, observando as fotografias nas paredes e na cómoda – fotografias dos pais e dos avós, de Selena e dela própria, nos tempos de faculdade, e uma do cão que tivera em criança.

– Vives sozinha? – perguntou.

– Sim – respondeu, aproximando-se da cadeira de baloiço que ficava perto da cama, onde tinha deixado a camisa de noite. Pegou nela e olhou para ele, ainda com a toalha verde à volta das suas ancas bem trabalhadas. Nem pensar deixá-lo deitar-se com ela, assim vestido!

*É claro que podes.*

*Não, não posso.*

*Por favor?*

*Xiu, eu, preciso de pensar.*

Ainda tinha os pijamas do pai no quarto dos pais, onde guardava religiosamente todos os seus pertences. Tendo em conta a envergadura dos ombros de Julian, tinha a certeza de que as partes de cima não lhe serviriam, mas as de baixo tinham cordões ajustáveis, e mesmo que não lhe servissem em comprimento, pelo menos seguravam-se lá em cima.

– Espera aqui – disse-lhe. – Volto já.

Depois de Grace sair disparada pela porta, Julian caminhou para junto das janelas do quarto e afastou as cortinas de renda branca. Observou umas coisas estranhas, em forma de caixa, que deviam ser automóveis, passar diante da casa de Grace, fazendo estranhos e monótonos ruídos, que ressoavam como as marés. As ruas e outros edifícios na área circundante estavam completamente iluminados por objectos semelhantes às tochas na sua terra natal.

Como este mundo era estranho. Tão invulgarmente semelhante ao dele, mas, ao mesmo tempo, tão diverso. Tentou associar o que via a todas as palavras que escutara ao longo das décadas. Palavras que não compreendia. Palavras como *televisão* e *lâmpada*.

E, pela primeira vez desde a sua infância, sentiu medo. Não gostava das mudanças que via, da velocidade com que tinham entrado neste mundo.

Como seria da próxima vez que fosse convocado?

O mundo ficaria ainda mais diferente?

Ou, pior ainda, e se ele nunca mais voltasse a ser convocado?

Julian engoliu em seco. Como seria ficar aprisionado para toda a eternidade? Sozinho e acordado. Sentir a sufocante escuridão a cobri-lo, sugando-lhe o fôlego dos seus pulmões, dilacerando-lhe o corpo de dor.

Sem poder andar como um homem. Nunca mais falar ou tocar.

Estas pessoas possuíam uns objectos chamados “computadores”. Ouvira o dono da loja falar deles com vários clientes. E um deles dissera que talvez um dia, possivelmente muito em breve, esses computadores pudessem substituir os livros.

E, então, o que lhe aconteceria?

Vestindo a sua camisa de noite cor-de-rosa, Grace parou, no quarto dos pais, perto do pratinho de cristal pousado na cómoda, onde colocara as alianças de casamento dos pais, depois do funeral. Observou o brilho discreto do pequeno diamante de meio quilate.

Sentiu um aperto doloroso na garganta e tentou não derramar as lágrimas que se acumulavam nos olhos. Com apenas vinte e quatro anos, fora arrogante o suficiente para pensar que era uma mulher feita e capaz de se aguentar firmemente face a tudo o que a vida lhe apresentasse. Achara-se invencível. E, numa fracção de segundo, toda a sua vida se desmoronara.

A morte dos pais roubara-lhe tudo. A segurança, a fé e o sentimento de justiça, mas tinha perdido, sobretudo, o amor incondicional e o apoio emocional dos pais.

Apesar da sua vaidade de jovem, não estava minimamente preparada para ficar sem a sua família.

E, apesar de se terem passado cinco anos, ainda os chorava profundamente. Aquela velha expressão que dizia que mais valia ter amado e perdido do que nunca ter amado era uma grande treta. Não havia nada pior do que ter alguém que gostasse de nós e depois perdê-lo num acidente sem sentido.

Incapaz de lidar com a morte dos pais, trancara o quarto no dia do funeral e deixara tudo tal como estava. Ao abrir a gaveta onde o pai guardava os pijamas, Grace engoliu em seco. Ninguém lhes tocara desde a tarde em que a mãe os dobrara, e ela e Grace os tinham arrumado naquele quarto.

Ainda se lembrava da risada da mãe. Da forma como costumava trocar do gosto mais conservador do pai por pijamas em flanela.

Pior, ainda se recordava do amor que nutriam um pelo outro. O que ela não daria para encontrar um parceiro perfeito como os pais. Estavam casados há vinte e cinco anos, quando morreram, e estavam tão apaixonados como no dia em que se tinham conhecido.

Não conseguia lembrar-se de um único momento em que a mãe não estivesse a sorrir, ou o pai a brincar com ela. Onde quer que fossem, andavam sempre de mãos dadas, como dois adolescentes, e roubavam beijos rápidos quando achavam que ninguém estava a olhar.

Mas ela via-os.

Lembrava-se.

Grace também queria sentir um amor assim. Mas, por qualquer motivo, nunca encontrara um homem que a deixasse arrebatada. Um homem que fizesse o seu coração bater e perder a cabeça.

Um homem sem o qual não conseguisse viver.

– Oh, Mamã – suspirou, desejando que os pais não tivessem morrido naquela noite. Desejando que...

Não sabia o que desejava. Ela apenas queria qualquer coisa na sua vida que a fizesse sonhar com o futuro. Algo que a fizesse feliz, da mesma forma que seu pai sempre fizera a sua mãe.

Mordendo o lábio, Grace agarrou rapidamente no pijama em xadrez azul-escuro do pai e saiu do quarto a correr.

– Aqui tens – disse, atirando-o para Julian. A seguir, deixou-o sozinho e correu para a casa de banho, a meio do corredor. Não queria que ele a visse de lágrimas nos olhos. Jamais voltaria a revelar a sua vulnerabilidade perante um homem.

Julian trocou o tecido envolto na sua cintura pelas calças e depois correu atrás de Grace, que saíra a correr para a porta a seguir à do quarto, batendo-a com força.

– Grace – chamou, abrindo ligeiramente a porta.

Ficou imóvel quando percebeu que ela estava a chorar. Estava apoiada numa espécie de lavatório com duas pias embutidas, apertando uma toalha contra a boca, para tentar abafar o seu soluçar descontrolado.

Apesar da educação severa e de uma eternidade de auto-controlo, foi surpreendido por uma onda de solidariedade. Ela chorava como se lhe tivessem partido o coração. E isso deixava-o desconfortável. Inseguro.

Cerrou os dentes e obrigou-se a ignorar tais sentimentos. Aprendera em pequeno que não valia a pena conhecer as pessoas. Nem cuidar delas. Pagara caro por cada vez que o fizera.

Além disso, o seu tempo ali era pouco... muito pouco.

Quanto menos se deixasse envolver na vida e nas emoções de Grace, mais fácil seria suportar o novo cativo. E foi nesse momento que as palavras de Grace fizeram sentido. Ela soubera retratá-lo na perfeição. Ele não era mais do que um gato macho que se satisfazia e depois partia.

Julian apertou com força a maçaneta fria. Não era um animal. Também tinha sentimentos.

Pelo menos, costumava tê-los.

Antes que pudesse pensar no que ia fazer, entrou na divisão e envolveu-a num abraço. Grace colocou os braços à volta da cintura dele, agarrando-se como se fosse uma bóia salva-vidas e enterrando o rosto no seu peito nu, chorando sem parar. Todo o seu corpo tremia.

E então, algo dentro de si desabrochou. Uma saudade profunda por algo que ele não conseguia identificar.

Nunca, em toda a sua vida, consolara uma mulher em lágrimas. Tivera incontáveis relações sexuais, mas nunca abraçara uma mulher daquela forma. Nem sequer após o sexo. Depois de exaurir a sua parceira, levantava-se para se limpar e, depois, tentava encontrar alguma coisa com que se entreter, até ser chamado novamente.

Mesmo antes de ter sido amaldiçoado, nunca demonstrara qualquer sinal de ternura para com quem quer que fosse. Nem sequer para com a sua esposa.

Enquanto soldado, fora treinado desde sempre para ser destemido e frio. Severo.

*Volta com o teu escudo, ou deitado nele*, tinham sido as palavras de sua madrastra, que o agarrara pelo cabelo e o atirara para fora de casa, encaminhando-o para o treino militar, apenas com sete anos.

O pai fora ainda pior. Um lendário general espartano que não tolerava o mínimo sinal de fraqueza. Nem de emoção. Aquele homem conduziu a infância de Julian na ponta do seu chicote de couro batido, ensinando-o a esconder a dor. Para que ninguém o visse a sofrer.

Julian ainda conseguia sentir o estalar do chicote nas suas costas nuas; lembrando-se bem do ruído que fazia ao rasgar o ar, em direcção à sua pele. Ainda era capaz de ver o sorriso de desdém no rosto de seu pai.

– Desculpa – sussurrou Grace, encostada ao seu ombro e resgatando-o dos seus pensamentos.

Inclinou o rosto para olhar para ele. Os seus olhos acinzentados estavam grandes e brilhantes, e comoviam um coração congelado séculos antes, por necessidade e por feitio. Sentindo-se exposto, afastou-se dela.

– Sentes-te melhor?

Grace limpou as lágrimas do rosto e aclarou a voz. Não compreendia por que motivo Julian fora atrás dela, mas há muito tempo que não a abraçavam quando chorava.

– Sim – sussurrou em resposta. – Obrigada.

Julian nada disse. Já não era o homem terno que a abraçara instantes antes, mas o Senhor Estátua, com o seu corpo rígido e frio.

Furiosa, Grace afastou-se dele.

– Nada disto teria acontecido se não me sentisse tão cansada e ligeiramente tocada. Preciso mesmo de dormir.

Ela sabia que ele a seguiria, por isso, dirigiu-se, decidida, para o seu quarto e subiu para a enorme cama antiga, aconchegada no seu espesso edredão.

É claro que, pouco depois, sentiu o colchão ceder com o peso dele. O seu coração acelerou ao sentir o súbito calor do corpo dele perto do seu. Piorou quando ele se enroscou às costas dela, colocando o seu braço longo e musculado sobre a cintura dela.

– Julian! – exclamou, com um tom de aviso na sua voz, ao sentir a erecção dele na sua anca. – Acho melhor ficares no teu lado da cama e eu no meu.

Mas ele não ouviu, pois tinha inclinado a cabeça para ela e traçava um caminho com mordidelas, pela parte lateral do rosto.

– Pensava que me tinhas chamado para aplacar o teu ventre desejoso – sussurrou.

Com o corpo a escaldar da proximidade dele e o aroma a sândalo a inundar-lhe os sentidos, Grace repetiu as palavras que dissera a Selena:

– O meu ventre está muito bem e recomenda-se.

– Garanto-te que posso torná-lo muito, muito mais feliz.

Oh, mas ela não duvidava minimamente dele...

– Se não te portares bem, vou ter que te pedir para saíres do quarto.

Grace olhou para ele e viu o seu olhar de descrença.

– Não compreendo porque me mandarias embora.

– Porque não vou usar-te como um brinquedo sexual sem nome, cujo objectivo de vida é servir-me. Está bem? Não quero intimidade com um homem que não conheço.

De olhar intrigado, Julian afastou-se finalmente de Grace, deitando-se a seu lado.

Grace respirou fundo e tentou acalmar o coração revoltado e amainar o fogo que lhe consumia o corpo. Meu Deus, como era difícil dizer que não àquele homem.

*Achas mesmo que vais conseguir adormecer com este homem deitado ao teu lado? Mas tens areia na cabeça, ou quê?*

Fechando os olhos, recitou a sua litania monótona. Tinha de dormir. Não havia hesitações nem dúvidas. Nem mesmo maravilhosos Julians.

Julian compôs as almofadas atrás das costas e contemplou Grace. Esta seria a primeira vez na sua vida excepcionalmente longa que passava a noite com uma mulher sem fazer amor com ela.

Era inconcebível. Nenhuma mulher jamais o afastara.

Grace voltou-se segurando outro aparelho de mão como o que lhe mostrara no piso de baixo. Premiu um dos botões e acendeu a televisão. Depois, baixou o volume das pessoas que falavam.

– Aqui, apagas as luzes – explicou, premindo outro botão. Imediatamente, as luzes ficaram apagadas, fazendo com que a televisão projec-

tasse sombras na parede atrás dele. – Tenho um sono bastante pesado, por isso, não acho que me possa acordar.

Grace entregou o comando a Julian.

– Boa noite, Julian da Macedónia.

– Boa noite, Grace – sussurrou, observando o cabelo sedoso dela espriar-se na almofada, enquanto se preparava para dormir.

Pousou o comando e fitou-a durante um bom tempo, à medida que a luz da televisão iluminava o rosto tranquilo dela. Soube que ela estava a dormir pela constância do seu respirar. Só então se atreveu a tocar-lhe. Só então se atreveu a traçar os contornos da maçã do rosto dela com a extremidade do dedo indicador.

O seu corpo reagiu com tamanha violência que mordeu o lábio para não vociferar. O seu sangue era fogo. Conhecia bem a intensidade dos desejos – primeiro, uma fome que lhe grassava o estômago, de seguida uma sede angustiante de amor e respeito e, finalmente, o mais exigente de todos, o do seu sexo, clamando pela suavidade húmida do corpo de uma mulher.

Mas nunca, nunca experimentara nada assim.

Era uma fome tão imponente, tão crua que desafiava a sua própria sanidade.

E só conseguia pensar em afastar as coxas macias e sedosas dela e penetrá-la profundamente.

Em deslizar para dentro e para fora do corpo dela, vezes sem conta, até que ambos gritassem de prazer numa só voz.

Mas tal nunca aconteceria.

Julian afastou-se mais dela. Deslocou-se para um ponto mais seguro na cama, onde não conseguisse cheirar o seu doce aroma feminino, sentir o calor do seu corpo debaixo dos cobertores.

Dar-lhe-ia prazer dias a fio, sem parar, mas ele próprio nunca teria paz.

– Maldito sejas, Príapo – resmungou, invocando o nome do deus que lhe amaldiçoara o destino. – Espero que Hades te faça pagar por tudo.

Sentindo a sua fúria aplacar-se, suspirou e percebeu que as Moiras<sup>3</sup> e as Fúrias estavam certamente a fazê-lo pagar.

**GRACE** despertou com uma estranha sensação de calor e segurança. Uma impressão que não sentia há vários anos.

---

<sup>3</sup> N. do T. – Na mitologia grega, as Moiras correspondem às três deusas irmãs (Cloto, Láquesis e Átropos), responsáveis pelos destinos dos deuses e dos mortais. As Fúrias (Tisífone, Megera e Alecto) são as divindades responsáveis pelos castigos.

De repente, sentiu um beijo suave nas suas pálpebras, como se alguém passasse os lábios pelas suas pestanas. Umhas mãos quentes e fortes acariciavam-lhe o cabelo.

Julian!

Grace levantou-se tão depressa que bateu com a cabeça na cabeça dele. Ouviu-lhe um queixume de dor. Esfregando a testa, abriu os olhos e encontrou-o de rosto franzido.

– Desculpa – disse, sentando-se na cama. – Assustaste-me.

Julian abriu a boca e levou o polegar aos dentes da frente, para confirmar que não os tinha partido. E Grace não conseguiu deixar de reparar no movimento da sua língua a empurrar os dentes. E nos dentes incrivelmente brancos que ela adorava que a mordiscassem...

– O que queres para o pequeno-almoço? – perguntou, distraído dos seus devaneios.

O olhar dele deslizou para o decote em V acentuado da camisa de noite dela. Acompanhando o olhar dele, Grace percebeu que, pela forma como estava sentada, ele conseguia ver tudo até às suas embaraçosas cuecas com o rato Mickey.

Sem que ela pudesse reagir, ele puxou-a contra si e beijou-a.

Grace gemeu de prazer, com a boca colada à dele, à medida que a língua dele a provocava com as mais incríveis carícias. Sentia a cabeça a andar à roda, tal era a intensidade do beijo, e o hálito quente dele a misturar-se com o dela.

E pensar que ela nunca apreciara beijar.

Devia estar doida!

Julian estreitou o abraço. Mil chamadas percorriam-lhe o corpo, consumindo-a, provocando-a, reunindo-se na zona húmida entre as suas coxas que clamava por ele.

Os lábios dele deixaram os dela e com a língua percorreu-lhe a pele, desenhando o périplo até à sua garganta, traçando círculos na clavícula, no lóbulo da orelha, no pescoço.

Aquele homem parecia conhecer cada zona erógena no corpo de uma mulher!

Melhor do que isso, sabia como usar a língua e as mãos para massajar cada uma delas para seu máximo prazer.

Julian expirou suavemente perto do ouvido dela, fazendo todo o seu corpo arrepiar-se. E quando acariciou a entrada do ouvido com a língua, todo o corpo de Grace tremeu.

Os seus seios crepitavam e cresciam e retesavam-se em botões duros que imploravam os seus beijos.

– Julian – gemeu, incapaz de reconhecer a sua própria voz. A sua

mente queria dizer-lhe que parasse, mas as palavras enredavam-se-lhe na garganta.

O toque dele possuía um poder avassalador. Uma magia inacreditável. Fazia-a ansiar por mais.

Julian deitou-a, empurrando-a contra o colchão. Mesmo de pijama vestido, Grace sentia-lhe a erecção, dura e quente na sua coxa, ao mesmo tempo que as mãos dele lhe tomavam as nádegas e ele respirava sofregamente ao ouvido dela.

– Tens de parar – ordenou por fim, com a sua voz fraca.

– Parar o quê? – perguntou. – Parar isto? – A sua língua espiralava sem parar pela orelha dela.

Grace resfolegou de prazer. Sentiu arrepios por todo o corpo, acesos como pequenas brasas que lhe consumiam cada centímetro do seu corpo. Os seus seios estavam cada vez mais tensos contra o peito dele.

– Ou isto? – Julian deslizou a mão por dentro do elástico das suas cuecas para a tocar onde ela mais o desejava.

Grace sentiu os dedos dos pés encurvarem-se como reacção à mão dele no meio das suas pernas, e de imediato arqueou as costas em direcção a Julian.

Oh, como era incrível!

Julian acariciou em círculos o tecido suave e palpitante com um dedo, fazendo-a arder de desejo, até que finalmente mergulhou os dedos bem no seu âmago. Ao mesmo tempo que os dedos passeavam e provocavam e acariciavam, ele massajava suavemente o seu botão com o polegar.

– Oh... – gemeu Grace, atirando a cabeça para trás, tamanho era o prazer que sentia.

Agarrou-se a ele, deixando que os seus dedos e língua continuassem a sua inabalável investida de prazer. Completamente descontrolada, começou a esfregar-se desavergonhadamente contra ele, buscando mais do seu calor e do seu toque.

Julian fechou os olhos, saboreando o aroma do corpo dela sob o dele e a sensação dos braços dela a abraçarem-no.

Ela era sua. Sentia-a tremer e vibrar na sua mão, à medida que o corpo dela reagia às suas carícias.

A qualquer momento, atingiria o clímax.

Com esse objectivo em mente, levantou-lhe a camisa de noite e investiu sobre um dos bicos espevitados, sugando-lhe a auréola com suavidade, deleitando-se com a sensação da carne retesada a provocar-lhe a língua.

Nenhuma mulher lhe soubera assim tão bem.

Era um sabor que se lhe gravava na mente, que ele sabia que jamais esqueceria.



E ela estava pronta para ele. Ela estava excitada, molhada e apertada – precisamente como ele apreciava o corpo de uma mulher.

Rasgou o frágil tecido que lhe vedava o acesso à parte que ele desejava explorar mais profundamente.

Mais do que explorava agora.

Grace escutou o rasgar do tecido, mas não conseguiu travá-lo. Estava desprovida de toda a força de vontade. Fora engolida por emoções tão intensas que, agora, apenas buscava alívio.

Ela tinha de ter algum alívio!

Esticou o braço e mergulhou as mãos no cabelo dele, para que não se afastasse dela por um segundo que fosse.

Julian tirou as calças e abriu-lhe as pernas.

Com o corpo a consumir-se em fogo, Grace susteve a respiração, sentindo o corpo longo e tenso dele acomodar-se entre as suas pernas.

A extremidade do sexo de Julian pressionou o seu âmago. Ela elevou as ancas um pouco mais e agarrou-se aos seus largos ombros desejando que entrasse nela com um desespero que ela nunca julgara possível.

Subitamente, o telefone tocou.

Grace saltou de susto, ficando novamente lúcida.

– Que barulho é esse? – resmungou.

Grata pela interrupção, Grace lutou para sair de baixo dele, com as pernas a tremerem e o corpo em chamas.

– É um telefone – replicou, antes de se inclinar para a mesa-de-cabeceira para alcançá-lo.

Sentiu a mão tremer quando levava o telefone ao ouvido. Furioso, Julian rolou para o lado dele.

– Selena, ainda bem que és tu – disse Grace, ao escutar a voz dela.

Oh, como estava grata pela capacidade de Selena saber o momento exacto para lhe telefonar!

– O que se passa? – perguntou Selena.

– Pára com isso – disse Grace, de repente, quando Julian começou a lambe-lhe as nádegas. Afastou-o e providenciou um pouco mais de distância entre ambos.

– Não estou a fazer nada – comentou Selena.

– Não és tu, Lanie. – Do outro lado do auscultador só se ouvia silêncio. – Escuta – começou Grace a explicar a Selena, com uma voz cautelosa. – Preciso que me emprestes algumas roupas do Bill e que as tragas aqui. *Agora.*

– Funcionou! – O grito estridente quase lhe perfurara o tímpano. – Oh, meu Deus, funcionou! Aleluia, não posso acreditar! Vou já para aí!

Grace desligou o telefone precisamente quando a língua de Julian se preparava para continuar o percurso das suas nádegas para a sua...

– Pára com isso!

Julian afastou-se e fitou-a, chocado.

– Não gostas quando te faço isso?

– Não foi isso que eu disse – respondeu Grace, instantaneamente.

Julian voltou a aproximar-se.

Grace saltou da cama.

– Tenho de me arranjar para ir trabalhar.

Julian apoiou-se num braço e viu-a apanhar as calças dele para depois lhas atirar. Apanhou-as com uma mão, ao mesmo tempo que passeava o olhar pelo corpo dela.

– E se metesses um dia de baixa?

– Meter um dia de baixa? – repetiu. – Como sabes o que isso é?

Julian encolheu os ombros.

– Já te disse. Consigo ouvir tudo quando estou no meu cativeiro. É o que me permite aprender línguas e compreender a mudança da gramática.

Como uma pantera graciosa a sair do seu covil, empurrou o cobertor para trás e gatinhou lentamente pela cama. As calças deixou-as para trás. O seu corpo ainda estava completamente excitado.

Hipnotizada, Grace não conseguia mexer-se.

– Não terminámos – comentou, de voz baixa, cava. Tentou alcançá-la.

– Ai, terminámos, terminámos!

Grace correu para a segurança da casa de banho e trancou a porta.

De dentes cerrados, Julian só queria dar um murro na parede, tamanha a frustração. Porque estaria ela a ser tão teimosa? Olhou para baixo, para o seu corpo intumescido e resmungou:

– E porque não te consegues controlar por cinco minutos?

Grace tomou um longo duche frio. Por que motivo Julian lhe punha o sangue a ferver, literalmente? Ainda conseguia sentir o calor do corpo dele sobre o seu.

Os seus lábios nos dela.

– Pára! Pára! Pára!

Ela não era uma qualquer ninfomaníaca que não se conseguia controlar. Era uma doutorada com um cérebro... e nenhuma hormona.

E, no entanto, podia ser tão simples esquecer tudo e passar um mês inteiro na cama com Julian...

– Muito bem – reflectiu. – Digamos que me meto na cama com ele durante um mês. E depois?

Ensaboou-se toda, e o vigor com que o fez lavou o que restava do seu desejo.

– Sabes bem o que se segue... Ele põe-se a andar e tu, cara amiga, ficas sozinha outra vez. Lembras-te do que aconteceu depois do Paul? Lembras-te de como te sentiste, a vaguear pelos corredores do dormitório da faculdade, indignada contigo mesma porque deixaste que se aproveitassem de ti? Lembras-te de como foi humilhante?

Aliás, ela ainda conseguia ouvir as gargalhadas de Paul, gabando-se da conquista e recolhendo o dinheiro da aposta. Como desejara ser homem, entrar-lhe pelo quarto adentro e dar-lhe cabo do canastro.

Não, não se aproveitariam dela.

Demorara anos a esquecer Paul e a sua crueldade, e não estava para deitar tudo a perder por um capricho.

Por muito lindo que fosse!

Não, não e não.

Só voltaria a entregar-se a um homem que lhe fosse completamente dedicado. Alguém que a amasse. Alguém que não desconsiderasse o seu sofrimento e não usasse o seu corpo apenas pelo prazer, como se ela não importasse, pensou, sentindo todas as memórias recalcadas ressurgirem vingativas. Paul agira como se ela nem estivesse ali. Como se não fosse senão uma boneca sem sentimentos, concebida para lhe dar prazer.

E não tencionava permitir que ninguém, especialmente Julian, a tratasse daquela forma.

Nunca mais.

Julian desceu as escadas e maravilhou-se com a luz do Sol que entrava pelas janelas. Era curioso como as pessoas tomavam aqueles pormenores como garantidos. Lembrava-se bem do tempo em que também ele desvalorizara algo tão simples como uma manhã soalheira.

Agora, cada manhã era, verdadeiramente, uma dádiva dos deuses. Uma graça que ele saborearia durante o mês que se seguia, até ser novamente obrigado a viver na escuridão.

Sentindo-se triste, dirigiu-se para a cozinha e para o grande armário onde Grace arrumava a sua comida. Abrindo a porta, sentiu uma frescura vinda de dentro que o maravilhou. Esticou o braço e deixou o ar circular sobre a sua pele. Incrível.

Pegou em vários recipientes, mas não conseguia ler o que estava escrito nos rótulos.

– *Não comas nada que não reconheças* – disse, recordando-se de algumas coisas nojentas que tinha visto as pessoas comerem ao longo dos séculos.

Baixou-se e descobriu um melão maduro numa gaveta no fundo. Depois de o transferir para a ilha no centro da cozinha, pegou numa faca

grande, enfiada num bloco de madeira onde Grace acumulava algumas, e cortou-o a meio. Partiu uma fatia e levou-a à boca.

Julian grunhiu de satisfação ao sentir a deliciosa humidade deslizar pelas papilas gustativas. A doce polpa despertou o estômago que resmungava de ansiedade. A sua garganta queria mais daquela tranquilizante humidade.

Era tão bom ter comida novamente. Ter algo com que saciar a sede e a fome.

Descontroladamente, pousou a faca e começou a dilacerar o melão, enfiando pedaços pela goela abaixo, tão depressa quanto podia.

Pelos deuses, ele tinha tanta fome. Tanta sede.

Só quando atingiu a casca percebeu o que tinha feito. Julian ficou imóvel a observar as mãos cobertas com os sucos do melão, as mãos cerradas como as garras de uma qualquer fera.

– *Vira-te, Julian, vira-te para mim. Agora, porta-te bem e faz o que te mando. Toca-me aqui. Hum... Sim, é isso mesmo. Lindo menino, lindo menino. Dá-me prazer e eu dou-te de comer daqui a pouco.*

Julian tolheu-se à luz desta memória da sua última encarnação. Não admirava que se comportasse como um animal. Tinha sido tratado como tal durante tanto tempo, que não se lembrava de como era ser humano.

Pelo menos, Grace não o tinha amarrado à cama.

Pelo menos, para já.

Enojado, olhou à sua volta, feliz por Grace não ter testemunhado aquela perda de auto-controlo.

Com a respiração acelerada, pegou na outra metade do melão e deitou-a no receptáculo de lixo que vira Grace usar na noite anterior. Depois, dirigiu-se para o lavatório, onde lavou a doçura pegajosa das mãos.

Assim que sentiu a água fria na pele, suspirou de prazer. Água. Pura e fria. Era o que mais lhe fazia falta durante o cativeiro. O que mais desejava, hora após hora, para aplacar a garganta seca e dorida.

Deixou que a frescura lhe deslizesse pela pele antes de a concentrar nas mãos fechadas em taça, para a beber das palmas das mãos, para a sugar dos dedos. Era tão reconfortante quando invadia a sua boca e descia pela garganta dorida, saciando a sua sede. Só desejava poder subir para cima da pia e sentir a água percorrer-lhe o corpo todo.

Desejava...

Escutou uma batidela na porta, seguida pelo som de passos apressados nas escadas. Fechou a torneira, pegou no pano pousado na pia e limpou as mãos e o rosto. Quando voltou para junto do melão, reconheceu a voz de Selena.

– Onde está ele?

Julian abanou a cabeça ao escutar o entusiasmo da amiga de Grace. Era aquela a reacção que esperara dela.

As duas mulheres entraram na cozinha. Ele desviou o olhar do melão e fitou uns olhos castanhos, tão amplos como um escudo espartano.

– Pelos meus santinhos! – resfolegou Selena.

Grace cruzou os braços, com o olhar a brilhar numa mistura de fúria e divertimento.

– Julian, esta é a Selena.

– Pelos meus santinhos! – repetiu a amiga.

– Selena? – chamou Grace, abanando a mão diante do rosto da amiga... que ainda nem pestanejara.

– Pelos meus...

– Paras, por favor? – pediu Grace, exasperada.

Selena deixou cair as roupas que trazia na mão ao chão e deslocou-se pela cozinha até conseguir ver-lhe o corpo todo. O seu olhar percorreu-o do cimo da cabeça até à ponta dos seus pés descalços.

Julian não disfarçou a sua ira perante o comportamento dela.

– Gostarias de me examinar os dentes ou preferes que baixe as calças para me inspeccionares? – perguntou, com um pouco mais de agressividade do que tencionara. Afinal, tecnicamente, ela estava do lado dele.

Se ao menos ela pudesse calar-se um pouco e parar de olhar para ele daquela maneira. Nunca conseguira aguentar aquele tipo de atenção tão pouco natural.

Selena esticou o braço, hesitante, para lhe tocar.

– Bu! – pronunciou, de repente, fazendo-a saltar de medo.

Grace riu-se. Selena franziu o sobrolho e arregalou os olhos para ambos.

– Muito bem, vocês dois. Estão a fazer pouco de mim?

– Foi bem merecido. – Grace pegou numa fatia de melão que ele acabara de partir e levou-a à boca. – Além disso, hoje ficas com ele.

– O quê? – perguntaram Julian e Selena, em unísono.

Grace engoliu o pedaço de melão que tinha na boca.

– Bem, eu não posso levá-lo para o trabalho, pois não?

Selena fez um sorriso malandro.

– Aposto que a Lisa e as tuas clientes adorariam.

– E o cliente que tenho às oito. Mas não seria muito produtivo.

– Não podes cancelar? – perguntou Selena.

Julian concordava. Não tinha vontade nenhuma em estar em locais públicos. A única parte da sua maldição que considerava mais tolerável era o facto de a maioria das mulheres que o convocavam o manter escondido em quartos privados e jardins.

– Sabes bem que não – replicou Grace. – Não tenho um marido advogado para me sustentar. Além disso, não me parece que o Julian queira andar pela casa sozinho o dia todo. Estou certa de que lhe apetece sair um pouco e conhecer a cidade.

– Preferia ficar aqui contigo – interrompeu.

Porque o que ele queria realmente era senti-la tremer de novo debaixo do corpo dele, sentir o seu corpo deslizar pela envergadura do seu pénis, e fazê-la gritar de êxtase.

Grace fitou o seu olhar e Julian viu a fome que vibrava nas profundidades do cinzento-claro dos seus olhos. Naquele instante, percebeu a estratégia dela. Ia trabalhar para evitar estar perto dele.

Bem, mais cedo ou mais tarde, estaria de volta.

E, então, seria dele.

E, quando ela se rendesse a ele, mostrar-lhe-ia a energia e paixão de que um soldado macedónio treinado em Esparta era capaz.